

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**“MADAME SARA NÃO TEM SAISON”:  
ENFRENTAMENTOS E INVENTIVIDADES DA  
MIGRAÇÃO HAITIANA EM PORTO ALEGRE**

**ALIZIANE BANDEIRA KERSTING**

**Trabalho de conclusão de curso**

**Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Fagundes Jardim**

**Porto Alegre, dezembro de 2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**“MADAME SARA NÃO TEM SAISON”:  
ENFRENTAMENTOS E INVENTIVIDADES DA  
MIGRAÇÃO HAITIANA EM PORTO ALEGRE**

**ALIZIANE BANDEIRA KERSTNG**

**Trabalho de conclusão de curso, submetido ao  
curso de Ciências Sociais do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Ciências Sociais.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Fagundes Jardim**

**Porto Alegre, dezembro de 2016**

### CIP - Catalogação na Publicação

Kersting, Aliziane Bandeira  
"Madame Sara não tem saison": Enfrentamentos e  
inventividades da migração haitiana em Porto Alegre /  
Aliziane Bandeira Kersting. -- 2016.  
69 f.

Orientadora: Denise Fagundes Jardim.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Imigração. 2. Haitianas. 3. estratégias da  
imigração. 4. Porto Alegre. I. Jardim, Denise  
Fagundes, orient. II. Título.

**ALIZIANE BANDEIRA KERSTING**

**“MADAME SARA NÃO TEM SAISON”: ENFRENTAMENTOS E INVENTIVIDADES  
DA MIGRAÇÃO HAITIANA EM PORTO ALEGRE**

**Trabalho de conclusão de curso, submetido ao curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.**

**Orientador: Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim**

**Data de aprovação: 20/12/2016**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim**

---

**Prof. Dr. Jean Segata**

---

**Prof. Dra. Janaina Lobo**

Caminante no hay camino  
Se hace camino al andar  
Al andar se hace camino  
Y al volver la vista atrás  
Se ve la senda que nunca  
Se ha de volver a pisar  
Caminante no hay camino  
Sino estelas en la mar.  
Miguel Hernánde

## **Agradecimentos**

Agradeço ao povo brasileiro pelo seu trabalho incessável na luta por uma vida melhor e que financiou os meus estudos! Assim, como agradeço na mesma medida todos os seres não-humanos que me acompanharam sem nunca deixar que eu caísse: Gracias a todos os elementais!! Gracias a Iemanjá, rainha do meu destino, guia de minhas pernas!

Agradeço imensamente a minha mãe pelo amor incondicional durante toda minha vida, assim por teres aceitado-me e nunca teres tentado mudar o que sou!

Agradeço a meu irmão Anderson (bola), que já partiu, mas que deixou-me ensinamentos valiosos.

Agradeço a Andreia Kersting por teres sempre me apoiado, cuidado de mim tantas e infinitas vezes, por ser minha segunda mãe, meu exemplo de garra e força, assim como de amor!

Agradeço ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica que garantiu que eu pudesse ter tempo para dedicar-me a essa tarefa.

Agradeço, imensamente, minha orientadora Denise Jardim, por todos os momentos que trouxe-me de volta para o meu centro orbital, pelos cafés, e-mails, whatsapp, telefonemas, enfim, por todo o apoio que escrita nenhuma dará conta de fazer justiça!

Agradeço a minha companheira Lê por todos os cafés da manhã, todos os abraços de “tudo vai certo, tu vai conseguir” e por ter feito minha vida virar esse colorido florido e cheio de frutos gostosos! Pelos momentos de plena liberdade que vivemos naquela floresta úmida, naquela casinha de viamão e agora na nossa casinha na zona sul!!! Te amo imenso, Lê!

Agradeço a meus companheiros de casa de estudantes por terem feito da minha vida uma aventura ladeira a baixo sem freio!! Em especial, agradeço a André Macedo, Iassanã Martins, Luandra Lucena, Ana Claudia Lemos, Murilo Pedroso e a toda família Marques.

Agradeço a grande lutadora Nadine Rosa pelos ensinamentos da mata!

Agradeço a Cristal Obelar (baaaarbra) pelas risadas, abraços, pelas tortas de sorvete, pelas mensagens maravilhosas, enfim, por todas as ladaias feitas.

Agradeço a meus grandes amigos Bino (Camila Braz) e Jar jar Brinks (Graziela Lais) por terem transformado minha e por todo o companherismo de sempre!!

Agradeço também a Guilherme Dal Sasso, Marina Palombine, Átila Viana e Thiago Rocha por trilharem comigo grande parte desse curso de graduação, topando sempre uma boa aventura e um bom trago!

Agradeço imenso as haitianas que pude conviver nesse período e que me ensinaram que na vida é necessário dar a volta por cima a todo instante! Em especial, mesmo sem poder colocar seu nome verdadeiro para preservar sua identidade, agradeço a Wilma que deu-me o título desse trabalho e ensinamentos imensuráveis.

Enfim, agradeço a uma centena de pessoas que perpassaram esse meu caminho aqui e que nunca conseguirei nomear a todos.

## **Resumo**

Esta monografia tem como interesse empírico a imigração internacional em uma perspectiva de gênero, relacionando a recepção do Estado brasileiro e suas instituições públicas ligadas ao acesso a saúde e, de outro lado, os “imponderáveis” da vida cotidiana de migrantes haitianas com suas criações, suas micro resistências, seus empreendimentos inventivos. Nesse trabalho, busco indagar quais os desafios que a “migração feminina” aponta para as sociedades receptoras, assim como traz algumas experiências de reconstrução de vida, de alinhamento de sonhos e planejamento de futuros possíveis. Indaga a centralidade de algumas expectativas das migrantes haitianas e os desafios que produzem revitalizações de suas redes de migração. Objetiva-se também, registrar os aprendizados do fazer etnográfico junto ao tema das migrações contemporâneas, e centra-se em uma primeira aproximação sobre migração haitiana na zona norte da cidade de Porto Alegre. Aponto em direção a análise de que as estratégias empreendidas no mundo da migração, e que não dizem respeito somente as migrantes, estão ligadas a um auto-gestionamento da vida cotidiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** migração, Porto Alegre, haitianas, estratégias, cotidiano, diáspora

**Abstract**

The empirical interest of this monograph is the International migration from a gender perspective relating, on the one hand, the reception of the Brazilian State and the public access to health services and, on the other hand, the unpredictability of the everyday life of these Haitian immigrants with their creations, their micro-resistance, their inventive endeavors. In this work, I seek to investigate the challenges that "female migration" poses to the recipient societies as well as some experiences of life reconstruction, dream alignment and possible future planning. I enquire the centrality of the expectations of Haitian migrants and the challenges that end to revitalize their migration networks. The objective is also to record the lessons learned from ethnographic work on contemporary migrations and focuses on a first approximation with Haitian migration at the northern part of the city of Porto Alegre. I point to the analysis that the strategies undertaken in the world of migration, which do not concern only the migrants, are linked to a self-management of everyday life.

KEY WORDS: migration, Porto Alegre, Haitian, strategies, daily, diaspora



## SUMÁRIO

<b>1.Introdução:</b> .....	<b>11</b>
<b>Capítulo 1: A Imigração, as Mulheres Haitianas e a pesquisadora</b> .....	<b>14</b>
1.1 Os desafios da interlocução: as metodologias que me orientam .....	14
1.2.“Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”.....	17
1.3 Imigrar: Os (des)locamentos das mulheres nos estudos migratórios .....	19
<b>Capítulo 2 - O Haiti não é para principiantes:</b> .....	<b>24</b>
2.1 A história haitiana e suas reverberações .....	25
2.2 O Haiti e as imigrações:.....	27
2.3 O ano de 2012 e os haitianos em Porto Alegre.....	31
2.4 Visitando a rede pública de Assistência Social.....	33
<b>Capítulo 3: Quando o Sarandi torna-se parte do Haiti.....</b>	<b>36</b>
3.1 A rede de apoio tecida pelos moradores do bairro.....	36
3.2 A saga dos exames médicos no Sarandi.....	41
3.3 O Sarandi .....	44
3.4 Casas: Os colchões e a espera dos seus. ....	47
<b>Capítulo 4: Descobrindo Madame Sara</b> .....	<b>49</b>
4.1 Um mergulho no Haiti.....	51
4.2 Os aprendizados com Madame Sara.....	55
4.3 <i>PATI PAS DI OU RIVÉ POU ÇA</i> - Só porque você partiu, não quer dizer que <i>tenha</i> <i>chegado</i> .....	61
<b>Capítulo 5: <i>PATI BOURRIQUE, TOUNNIN MULÈTE</i> - Partir burro, voltar jumento. Partir burro, voltar ainda mais estúpido.</b> .....	<b>63</b>
5.1 Concluindo: Conhecer tarefa sempre inacabada .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>

## **LISTA DOS MAPAS, FIGURAS E FOTOS**

<b>MAPA 1:</b> Mapa de Porto alegre produzido pelo ObservaPOa .....	<b>44</b>
<b>MAPA 2:</b> O mapa do território dessa monografia .....	<b>45</b>
<b>Foto 1:</b> Assembleia de Deus haitiana. ....	<b>46</b>
<b>Foto 2:</b> As madames Saras nas montanhas do Haiti. ....	<b>52</b>
<b>Figura 1.</b> Folder do envio de alimentos às famílias no Haiti.....	<b>58</b>
<b>Figura 2.</b> Folder do serviço de envio de dinheiro às famílias no Haiti.....	<b>58</b>
<b>Figura 3.</b> Verso do Folder contendo os alimentos enviados .....	<b>59</b>
<b>Foto 3:</b> A chegada, no aeroporto, da mãe e da filha de Wilma .....	<b>61</b>

## 1. Introdução:

*Ce quand tête coupé, ou pás mete chapeau*<sup>1</sup>

“Enquanto ainda não se tem a cabeça cortada, pode-se manter a esperança de, um dia, usar um chapéu.”

Esta monografia tem como interesse empírico a imigração internacional em uma perspectiva de gênero, relacionando a recepção do Estado brasileiro e suas instituições públicas ligadas ao acesso a saúde e, de outro lado, os “imponderáveis” da vida cotidiana de migrantes haitianas com suas criações, suas micro resistências, seus empreendimentos inventivos. Nesse trabalho, busco indagar quais os desafios que a “migração feminina” aponta para as sociedades receptoras, assim como traz algumas experiências de reconstrução de vida, de alinhamento de sonhos e planejamento de futuros possíveis. Indaga a centralidade de algumas expectativas das migrantes haitianas e os desafios que produzem revitalizações de suas redes de migração.

Objetiva-se também, registrar os aprendizados do fazer etnográfico junto ao tema das migrações contemporâneas, e centra-se em uma primeira aproximação sobre migração haitiana na zona norte da cidade de Porto Alegre. Aponto em direção a análise de que as estratégias empreendidas no mundo da migração, e que não dizem respeito somente as migrantes, estão ligadas a um auto-gestionamento da vida cotidiana.

No início de minha inserção em campo, o foco da pesquisa girava em torno da forma com que as instituições de saúde pública entendiam e recepcionavam a migração feminina, em especial a gestação de haitianas na cidade de Porto Alegre. Por tanto, conhecer que estratégias eram empreendidas pelas próprias migrantes para dar conta de movimentar-se dentro do cenário das instituições de saúde e assistência social no país receptor. No momento seguinte, onde já encontra-me em campo com certa mobilidade e receptividade por parte das haitianas, o centro da pesquisa passa a incidir sobre as movimentações, os trânsitos, as alianças, as redes pelas quais a migração haitiana sustenta-se, ganha fôlego, perpetua-se no tempo e constrói outras rotas, outros destinos.

“Madame Sara não tem *saison*”, título desse trabalho é uma das primeiras lições que tive em campo e também demarca um dos momentos onde essa monografia tomou

---

<sup>1</sup>Todos os ditados em *Kreòl haitiano* dessa monografia foram tirados do livro *Pay Sans Chapeau* de Dany Laferrière.

rumo, começou a ter a necessidade de existir. *Saison* em *Kreòl*<sup>2</sup> significa estação e a frase refere-se a forma com que a Madame Sara busca, na versatilidade dos produtos que faz circular e das diversas redes que aciona, a produção de um cotidiano ligado à reconstruir sua comunidade, a trazer elementos que produzam um sentimento de familiaridades aos haitianos em Porto Alegre. O que poderia, em um primeiro olhar, parecer simplesmente uma forma de fazer comércio configura-se como uma maneira de tecer laços, de criar solidariedades e de estar junto com os seus no contexto de migração.

Todo o trabalho de campo e a escrita são perpassados por uma orientação feminista, que dará destaque as vidas das mulheres migrantes, em uma tentativa e escolha político-teórico, de re-orientar nosso olhar, de distinguir vivências, não somente do sujeito pesquisado, como também das conexões que o antropólogo em campo conforme seu gênero. Assumindo que as experiências das mulheres devem ser entendidas em relação às experiências dos homens, mas que o foco possa incidir na forma com que as mulheres lidam com suas vivências. De forma que os estudos feministas não sejam somente relegados aos estudos tecidos acerca da vida das mulheres, mas que esteja acercado de uma forma de olhar o conjunto social que distinga uma certa divisão de gênero que produz experiências distintas. Esse olhar, esse modo de compreender o que se passa com os outros, ou produzir uma narrativa acerca da vida, nesse trabalho, baseia-se no construto feminista de que as mulheres são o Outro em relação aos homens e de que criar um espaço onde as mulheres estejam em primeiro plano na análise antropológica é também produzir um espaço de diálogo em que a antropóloga reconheça-se enquanto semelhante (Strathern, 2009). Para tanto, fiz uso das contribuições de Strathern (2009) e sua reflexão acerca das tensões entre antropologia e os estudos feministas, como também a etnografia acerca das experiências de bolivianas na cidade de Brasília da antropóloga Délia Dutra (2013) que chama-nos para a compreensão de que a experiência das mulheres migrantes é parte expressiva da migração internacional e traz a Ciência problematizações que não poderiam torna-se um capítulo, mas um trabalho completo e necessário a compreensão da migração internacional. Bem como, aproximei-me da perspectividade da interseccionalidade, apontada por CRENSHAW (1989) ao propor olhar a sobreposição de marcadores sociais com os quais os indivíduos são lidos.

---

<sup>2</sup> Língua nativa haitiana, idioma oficial ao lado do francês, mas falada fluentemente por toda a população no Haiti, ao contrário do Francês que é a língua ensinada nas escolas.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, discorro acerca de meus aprendizados organizando uma pesquisa de campo ao sabor daquilo que ia encontrando nas relações com minhas interlocutoras residentes na zona norte de Porto Alegre, no bairro Sarandi. Também estão presentes as questões metodológicas e teóricas acerca dos cuidados com tal interlocução e suas exigências.

No segundo, capítulo situo o universo haitiano de imigração, os elementos importantes para a aproximação com a história do Haiti, a diáspora haitiana, bem como os percursos empreendidos pelos haitianos em solo brasileiro.

No terceiro capítulo, discorro acerca das especificidades e a ambiência do bairro em que a migração haitiana instalou-se em Porto Alegre, as redes de apoio aos haitianos no Sarandi. Bem como, parte do trabalho de campo desenvolvido junto com um grupo de haitianas grávidas e os enfrentamentos no acesso a saúde da mulher gestante. Torna-se então um capítulo que começa no bairro, no caminhar pelas ruas e chega até suas casas, suas famílias, suas dinâmicas de recepção e manutenção de redes, seus projetos e filhos.

No quarto capítulo, está descrito a descoberta de uma personagem singular da cultura haitiana, a Madame Sara, que reconstrói seu ofício e seu modo de estar no mundo em Porto Alegre, tecendo redes, produzindo solidariedades, construindo resistências e ensinando-me seu ofício.

No quinto capítulo, organizado em torno das conclusões dessa experiência de trabalho de campo com as migrantes haitianas, já à luz das histórias contadas, descrevo algumas considerações que essa monografia possibilita e impacta no fazer etnográfico.

## **Capítulo 1: A Imigração, as Mulheres Haitianas e a pesquisadora**

Ao iniciar a reflexão sobre mulheres haitianas que ingressaram no percurso migratório tive que refletir sobre alguns aspectos-chaves impostos pelas próprias migrantes. Como mulheres de mais de 30 anos, deixam filhos em seus países e migram? Como desprender-se assim? O que está em jogo quando essas mulheres chegam no Brasil, chegam a Porto Alegre? A quem delegaram os cuidados com seus filhos? Com quem irão compartilhar os cuidados com os filhos que terão no contexto da migração. Porque as mulheres haitianas migram? Como vivem a imigração? Porque são as mulheres que me interessam para essa reflexão sobre imigração? Qual o acúmulo de conhecimento acerca de trânsitos internacionais que orientam e possibilitam essa migração? Algumas dessas perguntas terão sugestões de respostas, possibilidades indicativas, outras seguirão no horizonte de inquietações que levo, mas serão sempre questões abertas.

Esse capítulo trata dos desafios de realizar uma pesquisa sobre imigrações e aborda aspectos metodológicos e reflexões sobre os aprendizados sobre a observação participante que ecoaram no meu aprendizado. Trata de explicitar o lugar que conquisei nessa interlocução e os aspectos relacionados a imigração de mulheres que me permitiu retomar algumas das discussões que reconhecem os protagonismos femininos e, ao mesmo tempo, indagam sobre tal protagonismo na experiência dessa imigração em especial.

Este capítulo contém três tópicos, o primeiro reflete sobre a metodologia empregada, a observação-participante, o lugar no campo da pesquisadora e algumas questões acerca da interlocução especificamente com as haitianas. O segundo prioriza o início da minha incursão em campo e alguns caminhos percorridos. O terceiro e último tópico aborda o tema das mulheres nos estudos migratórios e os autores que fazem parte da comunidade discursiva que aproximo-me.

### **1.1 Os desafios da interlocução: as metodologias que me orientam**

Na esteira da possibilidade de pensar a Antropologia como a problematização do encontro entre alteridades, nesses primeiros passos, na formação etnográfica, sou guiada pelas contribuições clássicas da disciplina ao indicar que a etnografia é um método de conhecimento que tem como prerrogativa o viver junto, o partilhar de experiências outras, de entender o outro como possibilidade de ser. Por tanto, este é um trabalho

de metodologia qualitativa baseado na observação participante onde o estar junto, o envolver-se com as alteridades implicadas, junto de minhas preocupações e indagações políticas/teóricas e a relação com as teorias antropológicas orientaram esse trabalho de campo.

Por tanto, na elaboração dessa monografia experimentei e problematizei uma experiência de “viver atenciosamente com o outro” - onde os caminhos foram sendo envoltos em um fluxo que, não necessariamente, sabia onde nos levariam, mas que eram guiados por uma escuta atenta quanto as potencialidades da etnografia enquanto produção de subjetividades outras. Acreditando que cada etnografia é única, tanto do ponto de vista do etnógrafo, - sujeito esse com uma subjetividade que demarca lugares específicos de fala - quanto do ponto de vista do campo que exigirá de cada pesquisador diferentes estratégias e negociações, essa monografia é um texto que tenta compartilhar experiências. Para entender a construção do campo de diálogo com essas mulheres é necessário registrar que esse trabalho possibilitou-me entender como diz Devereux (1980, apud Ciocari, p.) a etnografia como uma observação mútua.

Em vez de lamentarmos a perturbação devida à nossa presença no campo e em vez de colocarmos em dúvida a objetividade de toda a observação do comportamento, deveríamos observar a dificuldade de uma maneira construtiva e descobrir quais insights positivos, não suscetíveis de serem obtidos por outros meios, podemos tirar do fato de que a presença de um observador, que é da mesma ordem de grandeza daquele que ele observa, perturba o evento observado. (Devereux, 1980, p. 369, apud Ciocari, 2004, p.6)

Desde esse primeiro momento em campo, eu sou questionada quanto a minha vida - que eu entendia como particular. No começo do campo, não era eu quem conduzia perguntas, mas as haitianas e haitianos que me estimulavam a produzir uma narrativa de mim. Logo entendi que abrir um pouco de minha vida seria o fio condutor para uma relação de confiança. Um dos momentos importantes na criação dessa rede de diálogo fora quando por pedido de uma das grávidas (como eu as entendia naquele momento) levei uma de minhas interlocutoras até minha casa – a casa do estudante da UFRGS.

Ela não falava bem o português, mas se esforçava ao máximo para me fazer entender quais eram suas curiosidades. Pelo longo caminho que o ônibus faz até o centro da cidade contei-lhe - da forma mais vagarosa e simples que pude - quem eu era, o que fazia, o que estudava, onde morava. Esse eu é o tempo todo filtrado, gerando em mim uma angústia imensa por conta de informações que acredito constituírem-me como

ser social como, por exemplo, que sou lésbica e que tenho uma companheira. Essa informação fora sempre omitida de minhas interlocutoras o que deixava-me em uma situação bastante inquietante. Imaginando que eu gostaria de fazer-lhe as mesmas perguntas e até questões mais elaboradas e densas acerca das suas experiências tanto no Haiti como no percurso da viagem até Porto Alegre, assim como seus planos e vontades, os diálogos pareciam um pouco desleais, na medida, em que eu não era sincera quanto, por exemplo, minha sexualidade. O medo de revelar facetas de minha vida privada, mais do que me constrangerem, em muitas ocasiões foi a razão de alguns dos meus silêncios, de eu não prosseguir com perguntas semelhantes a algumas haitianas que encontrava em campo.

Aqui o que está em jogo é pensar como as subjetividades do etnógrafo e a sua aceitação em campo fazem parte indispensável da produção do conhecimento antropológico, assim “uma explicação sobre a pesquisa envolve uma narrativa pessoal sobre como o pesquisador viveu aquele período” ( Devereux, 1980, apud, 2004, p. 3). Como a antropóloga Marta Cioccarri que desenvolveu uma etnografia sobre mineiros, as perguntas que mais ouvi em campo era se eu era casada, tinha namorado, tinha filho. Quando eram homens a me perguntar e eu sentia que a negativa a essas respostas abriam a possibilidade para uma investida, algumas vezes mentia, dizia que tinha um namorado há muito tempo ou coisa que o valha.

Poderia eu arriscar ao deixar claro minha orientação sexual e também posição política? Com que custos eu poderia arcar? Seria possível nesse campo uma etnógrafa lésbica? Eu sobreviveria epistemologicamente ou outras cumplicidades aflorariam? Que antropologia é essa que eu necessito esconder-me? Eu não tenho respostas pra esses questionamentos, mas eles existem e persistem em mim.

Faço essa breve parada nesse texto tanto para dar pistas de que o antropólogo não é um herói cultural de tal desenvolvimento em campo que a análise surja como natural e tranquila, que trata-se de um período de aprendizado em antropologia, assim como mais densamente um aprendizado quanto ao trabalho de campo.

Embora minha análise seja perpassada por um contribuição íntima desses encontros, sigo pensando em descrevê-la junto ao corpo de análise para -no mínimo- ser um pouco mais clara e objetiva atendendo - como sugere STRATHERN (2003) - as diretrizes de uma ficção persuasiva

Preparar uma descrição requer estratégias literárias específicas, a construção de uma ficção persuasiva: uma monografia precisa



estar arranjada de tal maneira que possa expressar novas composições de ideias. Essa se torna uma questão sobre sua própria composição interna, a organização da análise, a sequência pela qual o leitor é introduzido a conceitos, o modo como as categorias são justapostas ou os dualismos são invertidos. Dessa forma, quando o escritor escolhe (digamos) estilo “científico” ou “literário”, ele assinala o tipo de ficção que faz; não se pode fazer a escolha de evitar completamente a ficção. (STRATHERN, 2003, p. 45)

Este é um trabalho de metodologia qualitativa, partindo do pressuposto de que “os espaços pesquisados passam a ser construídos por conexões específicas, relacionamentos particulares, redes de circulação e fluxos de sentido” (Fleischer, Schuch e Fonseca, 2007, p. 9), essa é uma etnografia que percorreu junto com suas interlocutoras os espaços institucionais destinados a assistência social, a saúde da mulher gestante pela cidade e de forma mais densa também suas casas, amizades, planos, movimentos, desejos e sonhos.

## **1.2. “Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho”<sup>3</sup>**

Insiro-me dentro dos debates acerca da migração contemporânea e acesso a direitos sociais a partir da minha participação no projeto Identidades e Passaportes: minorias étnicas e cidadania, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Denise Jardim (NACi/UFRGS). É a partir do diálogo com os trabalhos da prof.<sup>a</sup> Denise -e também seu companheirismo em campo- e, de forma geral, da inserção que tenho dentro das arenas de debates entre antropologia e cidadania proporcionada pelo NACi, que esse trabalho dialoga. Tornando-se este um trabalho inegavelmente pluriatorial, devendo eu aqui nunca deixar de citar tanto o campo conjunto que fiz com Denise quanto nossos diálogos incessantes e a contribuição de seus trabalhos para a produção dessa monografia.

Portanto, essa monografia, em um primeiro momento, é um esforço de apresentar ao leitor uma descrição etnográfica da complexidade da vida migratória na relação com políticas públicas ou como chama JARDIM (2012) quando os “imigrantes descobrem o Brasil” e de outro lado as experiências de reelaboração de si, de reconstrução de suas vidas dado o contexto local de recepção. E em um segundo

---

<sup>3</sup> Trecho da música “Alguém me avisou” da compositora e intérprete Dona Ivone Lara, uma das primeiras mulheres a assinar a composição de sambas-enredos no Brasil. O trecho escolhido é uma alusão ao preparo, ao acompanhamento e companheirismo de minha orientadora Pr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Jardim nos meus primeiros passos em campo.

momento, é uma etnografia que segue os fluxos das migrantes, dos encontros em campo que empurraram essa escrita para a outra ponta da migração que trata especificamente do cotidiano. Fazendo assim com que eu travasse um diálogo com uma de minhas interlocutoras que produzem nessa monografia um espaço que revela que a migração não só proporciona novos aprendizados, mas como também atualiza saberes, ofícios já conhecidos, que a migração traz consigo um tanto de sua estrutura social.

O trabalho de campo foi desenvolvido a partir de julho de 2014 em contato direto com o contingente de haitianos vindo a Porto Alegre, através do acompanhamento das oficinas de assessoria jurídica oferecidas pelo GAIRE (grupo de assessoria a imigrantes e refugiados da faculdade de direito) no bairro de moradia deles – o Sarandi. Meu intuito nesse primeiro momento era entender como estava sendo organizada a migração haitiana para a cidade, que fluxos eram esses, quem eram sujeitos, mas como o campo é regido muito mais pelos imprevistos ou imponderáveis, deparamo-nos com um grupo de 5 haitianas por volta do sexto mês de gravidez que estavam gerando muitos comentários pelos moradores mais antigos no bairro.

Em um segundo momento, a preocupação é muito mais em acompanhar essas mulheres nas rotinas implicadas no pré-natal e entender as lógicas envolvidas na saúde da gestante no Sistema Único de Saúde do que pensar a migração haitiana como um todo. Não foram feitas entrevistas com elas porque nem eu domino o Kreòl (apesar de ter aprendido um pouco com elas) nem elas falavam português naqueles primeiros momentos. Estabelecendo-se assim trilhas, caminhos ou mesmo labirintos por essa cidade que elas precisavam entender e eu mesma redescobrir.

Embora essa etapa do trabalho de campo tenha nos colocado em uma arena de debates envolvendo agentes de saúde, assistentes sociais e algumas outras entidades públicas não nos fora pedido qualquer documentação referente a comitê de ética ou coisa que o valha. Não sendo nos exigido pelo campo, assumimos que o nosso compromisso ético era com essas mulheres e optamos por uma questão política<sup>4</sup> por conduzir a pesquisa de forma a não passar por essa arena conduzida pelos fundamentos biomédicos.

Destaco que quanto a identidade de minhas interlocutoras, todos os nomes das personagens envolvidas foram ficcionados. A escolha pelo anonimato nasce de uma

---

<sup>4</sup> Para o debate sobre comitê de ética para as Ciências Humanas ver: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000200017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232008000200017&script=sci_arttext)

tentativa, como aponta FONSECA (2007)<sup>5</sup>, de lembrar que o consentimento informado para a etnografia não significa que o interlocutor esteja a par de toda a complexidade que envolve a análise antropológica. Por tanto, e para além disso, opto pela resguardo de suas identidades como seu direito e a interpretação como uma reflexão de meu aprendizado e não a interpretação definitiva que as haitianas poderiam elaborar.

### **1.3 Imigrar: Os (des)locamentos das mulheres nos estudos imigratórios**

A temática das migrações internacionais no campo das Ciências Sociais esteve por bastante tempo marcada por uma ênfase na discussão econômica, relacionada ao mundo do trabalho, onde as mulheres como mostra Marinutti (2007) eram retratadas como acompanhantes ou como participantes do processo de reunificação familiar<sup>6</sup>. Esses estudos, ao tentarem retratar a migração internacional, reconheciam na figura do homem o único agente ativo desse processo. Essas análises mudam muito por conta da inserção dos estudos feministas nas arenas de debates como também pelo reconhecimento do crescimento do número de mulheres migrantes. Importante pensar que o fenômeno não é recente, mas sim a capacidade de análise que muda, por exemplo, em muitos países as mulheres representam boa parte do número de imigrantes há muito tempo, como é o caso da América do Norte onde elas representam a maioria desde a década de 30 do século passado ( MARINUTTI, 2007, p. 4).

Embora as mulheres migrantes representem quase metade do total de migrantes internacionais, chegando até em muitos países a ultrapassar a quantidade de homens migrantes, como demonstra Dutra (2013), as análises do mundo migratório centram-se no sujeito masculino. Bem como, o debate público também gira muito mais em torno do mundo do trabalho onde o sujeito é em quase a totalidade das vezes um sujeito masculino. É necessário então pensar a migração como sendo um movimento impulsionado por humanos e nesses humanos, fazer um recorte de gênero para percebermos essas outras dinâmicas que dão conta dos fluxos da vida como o caso do nascimento de uma criança. Esse estudo é nesse sentido uma tentativa de contribuir para o campo dos estudos sobre migrações femininas. Nesses outros mundos onde no momento de acessarem equipamentos locais de cidadania torna-se um dilema, mas que

---

<sup>5</sup> Texto publicado em: SCHUCH; VIEIRA e PETERS (orgs). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2010. pp. 205-227

<sup>6</sup> Reunificação familiar é um dispositivo legal que possibilita ao refugiado trazerem ao país de acolhida seus ascendentes, descendentes ou outros membros do grupo familiar que dependam economicamente desse refugiado.

por outro lado é o espaço também de reinvenções, de apropriações, de tecer redes de ajuda.

As questões postas por essa nova leva de estudos surgidos nos anos 80, tentavam responder as indagações quanto as características constitutivas da migração das mulheres, seus desafios quanto a autonomia e emancipação, as mudanças do papel da mulher migrante em sua sociedade de origem e suas relações, etc. MARINUTTI (2007), descreve três sentidos para o termo “feminização das migrações” que passou a ser comumente usado nos estudos migratórios quando se fala em mulheres migrantes. O primeiro sentido refere-se as análises quantitativas, onde indicará qual é o percentual de crescimento das mulheres migrantes ao longo dos continentes/países e quais os possíveis fatores que influenciariam esse processo. O segundo sentido, está intimamente ligado as polêmicas acerca dos dados quantitativos, onde uma série de pesquisadores vai dizer que o número de mulheres migrantes não variou tanto ao longo do tempo, que as mulheres no mundo migram de forma bastante expressiva desde a década de 60 e que o que estaria mudando seria a capacidade de visibilizar esse grupo. O que estaria em jogo então seria colocar a categoria de gênero nas análises, contribuindo assim para uma maior visibilidade da mulher migrante (MARINUTTI, 2007). O terceiro e talvez mais caro para essa monografia é o sentido que dá conta da análise qualitativa desse processo, é quanto as questões de emancipação, de reelaboração dos laços familiares, da mudança do perfil da mulher migrantes. São esses os estudos que perguntarão o que faz com que mulheres em todo mundo deixem seus filhos e famílias para entrar no mundo da migração, que impacto tem a migração nas relações de gênero e no perfil da mulher migrante, que novos laços e compromissos são reorganizados. (MARINUTTI, 2007).

Para essa monografia as contribuições de Abdelmalek Sayad (1998) foram de extrema importância. SAYAD (1998) ao retratar o quadro da migração argelina na França, concebe o fenômeno da migração como um “fato social total”, entendendo-a como um deslocamento não somente físico, mas cultural, econômico e social. O imigrante é sempre percebido como mão de obra provisória e em trânsito e que a qualquer inconveniente (aumento da taxa de desemprego, por exemplo) pode tornar-se um problema a sociedade receptora .

Assim como percebe quais as “ilusões” da migração e os parceiros que fazem com que o fenômeno migratório se perpetue no tempo. Os parceiros são a sociedade de acolhida, a sociedade de emigração e os próprios migrantes que compartilham com uma série de noções comuns. A primeira “ilusão”, seria de uma "presença provisória” e também

correlativamente uma “ausência provisória”, mesmo que essa presença/ausência mostrem-se duráveis ou definitivas. Aqui a categoria do retorno é central porque explica as relações entre presença/ausência onde o migrante estaria sempre negociando sua ausência com os que ficaram, embora o retorno só exista enquanto potência porque ninguém retorna para o mesmo “estado de coisas” que deixou. Para SAYAD (1998) “não se deixa sua terra impunemente, pois o tempo age sobre todos os seus pares. Não se prescinde impunemente do grupo e de sua ação cotidianamente presente, (...) bem como de seus mecanismos de inserção social, mecanismos que são ao mesmo tempo prescritivos e normativos e, enfim, largamente performativos”. Portanto, a migração se transforma em mais do que um deslocamento físico, mas sobretudo em um deslocamento de poder, de poder de significação na estrutura social. A ilusão da presença é subordinada a outra ilusão, a do “trabalho”, “o trabalho faz nascer o imigrante, se o trabalho morre, morre também o imigrante passando a viver um estado de não-ser (SAYAD, 1998)” A última ilusão seria a da “neutralidade política”, que não é somente a exigida pelo migrante, mas aquela que se mascara no processo migratório, onde somente o fator econômico é ressaltado.

Essa monografia, ao se referir a suas interlocutoras utilizará, assim como propõe SAYAD (1998), o termo migrante ou migração, encarando a migração como um ato em constante movimento, não se encaixando nas categorias de emigração (fluxo de saída) ou imigração (fluxo de entrada).

Isso porque entendemos a migração como um ir ou sair para talvez voltar ou ficar; isto é, um permanente “vir-a-ser” do indivíduo moderno. Um movimento que está sempre acontecendo, pois o migrante não sabe até quando, para onde ou como ficará; ele nunca acaba de sair e de deixar suas origens completamente. (SAYAD, 1998, p. 12 )

Importante também ressaltar a provocação que Sayad faz aos estudos sobre migração quando diz que não se poderia escrever inocentemente, que é necessário pensar o estatuto científico e social desse objeto.

Objeto esse social e politicamente (ou nacionalmente) sobre determinado, e duplamente sobre determinado, na medida que concerne a uma população social e politicamente dominada - a ciência do “pobre”, do “pequeno” (socialmente) seria uma ciência “pobre”, seria uma ciência “pequena”? (SAYAD, 1998: 22)

Como o campo fora sempre permeado pelo diálogo com mulheres, de suas

histórias, sou instigada a considerar dentro desse espectro de análise algumas problematizações acerca da relação entre antropologia e os estudos feministas, assim como indicar quais as contribuições que orientaram minha visão de mundo e contribuíram em grande parte para essa monografia.

Marilyn Strathern (1987) ao escrever sobre a relação do feminismo e a antropologia, dirá que entre essas duas “tradições” de pensamento há uma relação incômoda, fruto, especialmente, da natureza da relação entre pesquisador e “objeto” que seria compreendida de forma distinta. STRATHERN (1987) define então que as feministas na relação com o “outro” descobrem a si mesmas envolvidas na opressão que vive o outro, por outro lado, embora o antropólogo ao tentar entender as diferenças, também construa o seu EU em diálogo com o outro, não consegue perceber a relações de agressão e subordinação que o outro vive.

A investigação feminista sugere que é possível descobrir o eu ao se tornar consciente da opressão proveniente do “Outro”. Deste modo, pode-se tentar recuperar um passado comum que é também o passado de si mesmo. A investigação antropológica sugere que o eu pode ser conscientemente usado como um veículo para representar a um Outro. Mas isto é somente possível se o eu rompe com seu próprio passado. Assim, então, emergem como dois radicalismos muito diferentes. Devido a seus interesses paralelos, as duas práticas são diferentemente estruturadas na maneira em que organizam o conhecimento e traçam fronteiras, em suma, em termos de relações sociais que definem suas comunidades de pesquisadores(as). (Strathern, 1987, p.17)

STRATHERN (1985) também chama a atenção para a maneira como os estudos que apresentam análises de gênero são demarcados como estudos parciais das sociedades em que estudam, enquanto todos os outros antropólogos estudam a sociedade ou a cultura, onde às mulheres é quando muito destinado um capítulo quase sempre denominado, “casamento”, parentesco”. A autora argumentará que seria necessário reconhecer as análises etnográficas como verdades posicionadas, de modo que qualquer estudo será sempre parcial independente do tema de análise.

Também é necessário para a produção dessa monografia que aqui seja ressaltado outras categorias que atuam dentro do mundo social das mulheres com quem dialoguei. Em um primeiro momento, sim, elas eram mulheres migrantes pra mim, mas também conforme o campo me interpelou e eu fui adentrando nos debates acerca da migração haitiana no Brasil, outros marcadores sociais entraram em cena, como raça/etnia, classe,

língua, etc. Para tanto, aproximei-me do trabalho de Kimberlé W. Crenshaw (1989) quando a autora propõe entender as especificidades da experiência de mulheres negras a partir do conceito de interseccionalidade. Para CRENSHAW (1989) gênero e raça estariam em convergência com outras categorias de diferenciação, determinando assim a experiência das mulheres negras. Nas palavras da autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002: 177)

Não há como separar o gênero, da cor, da posição social, há uma espécie de leitura dinâmica que todos passamos que faz um mapeamento dos marcadores que darão uma visão de onde nos situamos no mundo, que experiência compartilhamos ou não com o resto da sociedade. As interlocutoras dessa monografia tem certas categorias que para a nossa leitura (ocidental) as colocam em certos lugares, mas talvez hajam outros demarcadores vindo de sua experiência haitiana que eu desconheço, como demarcadores regionais, geracionais.

## Capítulo 2 - O Haiti não é para principiantes:

" Ahora pasa que las tortugas son grandes admiradoras de la velocidad, como es natural. Las esperanzas lo saben, y no se preocupan. Los famas lo saben, y se burlan. Los cronopios lo saben, y cada vez que encuentran una tortuga, sacan la caja de tizas de colores y sobre la redonda pizarra de la tortuga dibujan una golondrina. " (CORTAZÁR, 2007, p. 157)

A tese de HANDERSON (2015) analisa as experiências de mobilidade dos haitianos no Brasil, o grupo de diálogo de HANDERSON (2015) é o contingente vindo ao Brasil pela tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru e aos que foram ao Suriname e Guiana Francesa entre 2010 e 2013. Aproximo-me desse trabalho a partir do seu conceito chave de sua tese, o conceito de Diáspora, conceito que organiza a vida em mobilidade, revelando os compromissos, relações, fluxos de quem fica no Haiti, de quem migra para o estrangeiro, de quem retorna e quem eventualmente visita a terra natal. Sendo diáspora uma categoria que qualifica pessoas, objetos, casas ou ações. Segundo o autor, os haitianos vivem em um contexto de forte tradição de mobilidade, onde o conceito de territórios circulatorios amplia os sentidos dessa experiência,

No caso dos haitianos, a noção de território circulatorio ganha todo seu sentido, na medida em que eles se apropriam dos diferentes espaços desde o Haiti ou da República Dominicana, transitando pelo Panamá, Equador, Peru e Brasil, entre outros. Interessa observar que os conceitos campo migratório e território circulatorio trazem, cada um, a sua contribuição à problemática complexa das formações espaciais e sociais associadas à mobilidade. O primeiro coloca o acento mais sobre as estruturas e o segundo sobre as práticas dos migrantes. Cada um possui seus limites, mas as suas contribuições teóricas e metodológicas no plano da espacialização são muito pertinentes e úteis para renovar as abordagens dos estudos migratórios internacionais. (HANDERSON, 2015, p. 93)

O capítulo que segue pretende reunir elementos que permitem entender o campo da migração haitiana em Porto Alegre, para também fazer um acordo com a história para que as experiências tenham um pouco dos fios tecidos em um novelo antigo. Este capítulo contém três tópicos, o primeiro traz um pouco da história colonial do Haiti e sua guerra de independência e a ligação com a religião do *Vodou*<sup>7</sup>. O segundo tópico prioriza a história das migrações haitianas, seus períodos e principais motivos. O terceiro tópico discorre acerca da chegada e recepção dos haitianos na cidade de Porto Alegre, com um panorama acerca das movimentações da prefeitura municipal, da

---

<sup>7</sup> Todas as palavras em Kreòl foram escritas em itálico, seguidas de sua tradução.



sociedade civil organizada em torno do tema das migrações. O quarto tópico é dedicado a resgatar a forma com que são recepcionados, em um primeiro momento, os haitianos e haitianas nos equipamentos públicos de acesso a cidadania no bairro Sarandi.

## **2.1 A história haitiana e suas reverberações**

A República do Haiti situada em uma das maiores ilhas do Caribe, ocupa um terço do território da ilha de São Domingos onde divide fronteira à leste com a República Dominicana. A ilha é o primeiro pedaço de terra do novo mundo pisado por Cristóvão Colombo e toda sua tropa de marinheiros dando início a um massacre da população autóctone, a usurpação de seus territórios, a negação de sua cultura e humanidade e a um sem fim de espoliações.

O Haiti possui uma história colonial singular, ao ser influenciado pelas ideias da revolução francesa, tornou-se a primeira república negra do mundo, após uma bem sucedida revolta de escravos em guerra contra as tropas de Napoleão Bonaparte, ainda no começo do século XIX. Enquanto na França os ânimos conservadores haviam prevalecido sobre os ideais da revolução de 1789, sobretudo ao que se referia a escravidão e os jacobinos<sup>8</sup> que estavam sendo mandados para a guilhotina por conta de sua posição mais radical. Os anseios de liberdade avançaram pelo atlântico, chegando aos burburinhos nos ouvidos dos escravos da ilha de São Domingos, a “pérola das Antilhas”. A história da luta pelo fim da escravidão e pela tomada das terras parte de uma cerimônia Vodou acontecida em 1791, onde o escravo Boukman torna-se Hougan (sacerdote) e lidera e organiza a revolta escrava, conta-se que fora nessa cerimônia onde todos os presentes tomaram o sangue de um porco que decidiram que iriam lutar até a liberdade. Esse momento que inaugura a luta pela libertação, é bastante diferente de qualquer outra luta independentista na América porque a história nacional oficial é contada a partir de um evento da religiosidade negra e de, certa forma, não há como embranquecer essa luta como vimos o tempo inteiro a história do Brasil ser contada sem os negros, muito menos sem sua religiosidade. Nas palavras de HANDERSON (2010)

Historiadores, sociólogos e antropólogos da religião, no Brasil, podem falar do país sem mencionar o Candomblé. Ao contrário, no Haiti esses dois corpora se fundem: parece ser impossível

---

<sup>8</sup>Os Jacobinos constituíam o setor mais radical da revolução Francesa, inspirando assim, intelectuais no Caribe. Para entender melhor a revolução haitiana é fundamental a leitura do já clássico de C. L. R. James “Os Jacobinos Negros: Toussaint L 'Ouverture e a revolução de São Domingos”, publicado pela editora Boitempo em 2000.

falar do Haiti sem fazer referência ao Vodou: a literatura sobre a sociedade haitiana faz essa ligação entre a história e a cultura nacional. Os resultados da pesquisa evidenciam, o Vodou a representar a religião do país, servindo de instrumento da sua política, e, no Brasil, nação grande em termos geográficos, com variedade de culturas, o Candomblé ser parte da identidade cultural brasileira, mas em menor escala do que o Vodou no Haiti. (HANDERSON, 2010, p. 7)

Boukman tão logo deflagrada a insurreição é capturado e morto pelas tropas imperiais e quem o sucede é Toussaint Louverture (tornado um dos maiores heróis do país), mesmo sua morte no cárcere na França não abalou a força e a garra dos escravos daquela ilha. Em 1794, a França proclama livre os escravos de suas colônias, mas em São Domingos essa realidade já existia e fora conquistada pela coragem daquele povo.

A declaração de independência é feita em 1º de janeiro de 1804 por Dessalines e a ilha de São Domingos passa a chamar-se pelo nome de origem indígena Aytí, terra montanhosa na língua dos Tainos (povo autóctone) . Os ex-escravos das plantações de açúcar ao se tornarem livres do trabalho compulsório, passam a se dedicar a agricultura familiar/subsistência, assim o Haiti deixa de fazer parte da economia mundial colonial como grande exportadora de cana de açúcar e volta-se para sua autonomia alimentar. Com a morte de Dessalines em 1806, o Aytí divide-se em dois, o norte é liderado por Henri Christophe e o Sul por Alexandre Sabés Pétion, só em 1822 a ilha é reunificada, mas deixam marcas como HANDERSON (2010) aponta,

A partir de 1806, duas facções dirigem o país. O Rei Henri Christophe no norte, representando a facção dos “negros”, o presidente Alexandre Pétion no sul, representando a facção dos “mulatos”. Desde este momento se acentuaram, dentre outros fatores, as particularidades regionais que singularizam o norte e o sul hoje, em várias dimensões, culturais, políticas, etc. Socialmente costuma-se dizer que no norte a escala de preconceito de cor é menor, tendo em vista que os habitantes têm a tonalidade de pele mais preta do que os do sul que são mais claros e há mais preconceito de cor. Essa relação de conflito de cor entre mulatos e negros no país percorreu toda a história da nação até os nossos dias. É interessante perceber que no Haiti a categoria utilizada para pensar o universo das relações entre mulato e negro é “cor” e não “raça” (HANDERSON, 2010 p.55)

A proclamação da República, e o fim da escravidão, trazem consigo o medo dos impérios coloniais de que a ilha se tornasse exemplo para o resto da América e com isso uma série de retaliações são organizadas pelas potências coloniais. Um mundo marcado

pelo racismo e pelo poder colonial não poderia deixar que uma ilha de escravos contraria-se as regras do jogo. Interferências e intervenções então são arquitetadas pelos donos do mundo. Os EUA com sua doutrina Monroe<sup>9</sup> (América para os americanos) construída para barrar a influência europeia no novo continente toma para si a responsabilidade de organizar o território americano. Uma série de embargos econômicos marcam a história do Haiti, fazendo com que sua estrutura política e econômica fossem constantemente sabotadas.

A guerra de independência e sua vitória deixam marcas na estrutura social daquele povo, levando assim os mulatos (creóles) ao poder e não os negros (bossales), seguindo as teorias evolucionistas e racistas do século XIX, os mulatos por terem a mistura com o branco seriam mais aptos a governarem o país. Nesse momento, embora tenha sido feita uma ruptura com a governança francesa, todo o seu modelo civilizatório fora mantido. A língua oficial tornou-se o francês, o modo de vida apreciado é o modo de existir da burguesia europeia com todo o seu racismo. Há uma cisão entre o rural e o urbano bastante marcada, onde o rural é o espaço da igualdade do Lakou (sistema de coabitação e agricultura), do Vodou e do kreòl, já o urbano é o espaço do crescimento social, da língua francesa e do cristianismo (HANDERSON, 2012).

É essa história nacional, os episódios da independência de extrema bravura, a ideologia nacional ligada a uma indisposição em ser cativo, de ser escravo que são evocados pelos haitianos na diáspora. São esses os elementos que eles contrastam com as imagens da miséria, da fome, do terremoto, da penúria. A história do Haiti se faz importante para pensar como o Haiti é revelado pelos interlocutores, como o orgulho sentido com suas histórias é um elemento que organiza e mantém seus laços, seu pertencimento.

## **2.2 O Haiti e as imigrações:**

Durante o século XIX, o que temos no Haiti é a mobilidade de parte da elite que envia seus filhos para estudar em França. Segundo HANDERSON (2015), a partir do século XX, conseguimos resumir a mobilidade haitiana em 4 grandes fluxos. O primeiro fluxo fora durante a ocupação do Haiti e da República Dominicana pelos EUA (1915-1943), levando cerca de 30 a 40 mil haitianos por ano a migrarem para Cuba devido a

---

<sup>9</sup>Política implementada em 1823 pelo então presidente dos EUA James Moroe que consistia em barrar a re-colonização europeia da América, a não intervenção europeia nos assuntos americanos, a não interferência dos EUA nas guerras europeias, assim como anunciava a expansão territorial dos EUA.

escassez de mão de obra nas lavouras de cana de açúcar e café. O outro destino de migração nesse momento era a República Dominicana.

Segundo HANDERSON (2010) esse fluxo deve ser compreendido dentro de uma chave geopolítica, já que os EUA ocupava tanto Haiti quanto República Dominicana como forma também de impedir a influência da Alemanha nesses países dado o contexto da segunda guerra mundial. O segundo fluxo é em direção aos EUA que já havia consolidado sua influência no cenário cultural haitiano, onde a elite enviava seus filhos para formações educacionais, assim como os agricultores viam uma possibilidade de trabalho e ganhos melhores. O terceiro fluxo é o mais intenso e se organiza em torno da ditadura de François Duvalier (1957 – 1971), com o exílio dos intelectuais, estudantes, artistas, opositores, mas também de uma expressiva parte da população trabalhadora.

Hoje com uma população de cerca de 10 milhões de habitantes, o país é composto por nove departamentos subdivididos em comunas e distritos. É considerado um dos países mais pobres do mundo, ocupando a posição 163º do ranking do índice de desenvolvimento humano (IDH)<sup>10</sup>. Tem uma economia majoritariamente agrícola, onde os cultivos de arroz, milho, café, manga e banana têm maior expressividade. É dentro desse quadro, onde temos a partir de 2010 o início do quarto grande fluxo migratório no Haiti, devido à instabilidade política, econômica, social agravada pelo terremoto de janeiro de 2010.

A migração haitiana - em grande escala - para o Brasil começa em 2010, logo após o terremoto de 12 de janeiro do mesmo ano que, segundo estimativas, deixou cerca de 30.000 mortos, mais de 300.000 feridos, e 1,5 milhão de desabrigados<sup>11</sup>. A ajuda internacional, logo após o sismo, aciona todo um aparato de apoio. Como apresentado pela antropóloga Ana Elisa Bersani na sua dissertação sobre as estratégias de ajuda empregadas pelos haitianos após a catástrofe, a ajuda internacional concentrou-se tão somente em resgatar, alimentar e amparar os próprios soldados da ONU que estavam em missão de paz no país desde de 2004. A dissertação de BERSANI (2012) demonstra como os haitianos tem uma estrutura social que dá conta das sucessivas crises enfrentadas. Através da instituição do Lakou, espécie de pátio onde se encontra

---

<sup>10</sup>Desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicado em 2015. Fonte do IDH do haiti: [http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr\\_2015\\_report\\_pt.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2015_report_pt.pdf)

<sup>11</sup>Cismo de magnitude 7,0 na escala Richter que devastou o país, deixando centenas de milhares de mortos, cujo epicentro foi abaixo da capital Port-au-Prince em 12 de janeiro de 2010.

inúmeras casas de uma espécie de família agregada ou estendida, onde o que prevalecia seria uma economia da moral, onde a ajuda mútua seria o denominador comum das relações sociais é o que possibilita naquele momento o acolhimento de mais de 200 mil haitianos saídos da capital para o interior do país<sup>12</sup>.

Além do envio de doações, equipamentos e profissionais, alguns países- e me interessa o caso específico do Brasil-, abriram suas portas para imigrantes haitianos. O Brasil inclusive na figura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em visita a Porto Príncipe, ao anunciar um pacote de reestruturação do país, declara que o Brasil está de portas abertas para os haitianos que desejarem imigrar. O que, em 2010, eram grupos de 10 ou 20 haitianos chegados a fronteira brasileira, hoje se estima que vivam no Brasil - em 2015 - entre 60 e 70 mil haitianos<sup>13</sup>. Como apresentado pela tese de HANDERSON (2015) esse primeiro grupo que entra no país em 2010 não tinha como destino final o Brasil, mas era um ponto do trajeto para alcançarem a Guiana Francesa.

A maioria não era da capital, Port-au-Prince, ou das outras Comunas (Leogâne, Carrefour, Delmas etc.), onde ocorreu o terremoto em janeiro de 2010. No entanto, independentemente de o terremoto ter sido ou não a razão da vinda de boa parte deles para o Brasil, é evidente que uma tragédia da dimensão como foi, teve impacto na vida das pessoas e pode ter precipitado a decisão de sair e impedido os planos de outros afetados que pensavam migrar e não puderam fazê-lo. Mas, também é importante salientar que a mobilidade é um fenômeno antigo e estrutural entre os haitianos. Os fatores mobilizadores da chegada dessas pessoas ao Brasil são diversos. Ficava claro não serem apenas motivações econômicas, mas também, políticas, educacionais, culturais, estratégias geográficas e sociais, sobretudo.(HANDERSON, 2015, p. 50)

A viagem desde o Haiti até as fronteiras com o Brasil, constitui-se em uma peregrinação de inúmeras paradas e imensos desafios, tendo a principal rota início no Haiti ou na República Dominicana, escala no Panamá, de onde seguem para Quito (Equador) e depois Lima (Peru), partindo alguns de barco pra cidade de Tabatinga (Amazonas) e outros para a cidade de Assis Brasil no estado do Acre. A maior parte das

---

<sup>12</sup> A dissertação de BERSANI (2012) é extremamente interessante para entender a forma como a sociedade haitiana consegue mobilizar forças e tem consigo um modo de organização que faz com que as crises, os eventos climáticos e toda a sorte de adversidades tenha um contra-ponto na ajuda - mútua.

<sup>13</sup> Dados anunciado em 3 de outubro de 2015 pelo embaixador Carlos Alberto Simas Magalhães, subsecretário-geral das Comunidades Brasileiras no Exterior em audiência pública da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2015/08/03/Brasil-aumenta-emissao-de-vistos-e-deve-continuar-a-receber-os-haitianos>. Acesso em 19 de agosto de 2015.

viagens são feitas através de agenciadores ou coites (como são chamados pela imprensa), para quem muitas vezes hipotecam as casas ou contraem dívidas. Os relatos sobre o custo da viagem que pode chegar em alguns casos até 5 mil dólares americanos.

Em solo Brasileiro, são recebidos por grupos religiosos dando-lhes abrigo e alimentação, também visibilizando-os através da mobilização dos setores públicos a documentação necessária para a permanência deles em território brasileiro. Os recém chegados recebiam na Polícia Federal um protocolo de pedido de refúgio que possibilita fazer sua carteira de trabalho, CPF, ingressar no mercado de trabalho, abertura de conta bancária e circular no país até o CONARE (comitê nacional para refugiados) - órgão vinculado ao Ministério da Justiça, avaliar seu pedido. Com os documentos acima citados - que podem levar até meses para ficarem prontos- a maioria dos haitianos<sup>14</sup> seguiam para as regiões sul e sudeste. O trajeto até esses estados na maioria dos casos acontece através da iniciativa dos governos dos estados do acre e Amazonas ou também era organizado pelas empresas que vão até esses estados recrutar trabalhadores.

Até janeiro de 2012 os haitianos chegados ao Brasil eram considerados juridicamente refugiados, sendo esse um direito garantido pela Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951 e ratificado pela lei 9.474, de 22 de julho de 1997 que define os parâmetros e mecanismos para a implementação do Estatuto dos refugiados.

Refúgio é um mecanismo jurídico que prevê asilo, abrigo, apoio a todo o indivíduo que em seu país de origem tenha sua condição de existência ameaçada. É um dispositivo previsto no direito internacional que surge no começo do século XX quando dos grandes deslocamentos populacionais ocasionados pelas 2 grandes guerras europeias - guerras mundiais.

Essa experiência, esse modo de migrar, diz respeito a um entendimento do que é estar no mundo, do que é ser haitiano e haitiana, é construir seus caminhos sem deixar de manter seus laços, de construir suas casas no Haiti (*kay diaspora*), tentar e planejar sempre voltar para festas, levando consigo produtos vindos da Diáspora, como roupas diáspora (*rad diaspora*), dinheiro estrangeiro (*lajan diaspora*) e tantos outros signos que demarcam suas vidas que fazem-se, constituem-se no caminhar, no transitar entre países, no aprender outras línguas. Nesse ponto, a migração haitiana coloca desafios para nós brasileiros, para nossas instituições porque temos uma imagem do migrante

---

<sup>14</sup> Seguindo a etnografia de Marília Pimentel, descrita no texto “Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho” que aponta para a diversidade de origem, escolaridade, religião e profissão, o termo haitiano aqui citado refere-se tão somente a nacionalidade.

atrelada aos italianos, alemães e japoneses do século XIX e XX que vieram e estabeleceram residência aqui, que constituíram para si lugares de permanência. Como ligar com sujeitos que estão em movimentos que circulam, que não cessam, por exemplo, como entender suas constantes viagens ao Haiti são alguns dos questionamentos que essa migração coloca-nos.

### **2.3 O ano de 2012 e os haitianos em Porto Alegre**

Em Porto Alegre, o tema da imigração começa a sacudir o poder público e a sociedade civil em 2012, quando é criado então o Fórum Permanente de Mobilidade Humana – FPMH, congregando ONGs, entidades religiosas e universidades. O FPMH organiza em outubro o seu primeiro seminário agregando às entidades civis e religiosas, representações da polícia federal a partir de seu núcleo de enfrentamento ao tráfico humano, a DPU e a Unilassale (uma das organizadoras do evento).

Por decreto, o governo do Estado cria o COMIRAT (Comitê Estadual de Atenção aos Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas) que torna-se o 4º comitê estadual no país. Em 2013, um ano antes da copa do mundo, a secretaria de direitos humanos aponta preocupações já bastante sinalizadas pela sociedade civil que reunira-se mensalmente no FPMH acerca dos possíveis imigrantes que ficariam após a copa. É somente nesse ano, nas palavras de JARDIM (2014), que:

Em reunião em agosto de 2014, um ano depois da primeira reunião, a prefeitura se dispõe a trabalhar sobre o tema, embora ressaltando suas dificuldades em mobilizar recursos em período pré-eleitoral, e com o desenho administrativo que dispunha, agindo por formulação de ações e projetos pontuais para mover recursos públicos. Para tanto, poderia trabalhar com a formulação de um projeto em atenção aos imigrantes, o que demandaria quantificá-los e localizá-los na cidade para compor um projeto de atuação com rubrica específica[...] As propostas gravitavam entre a constituição de um convênio entre prefeitura e universidade em vistas a um observatório, inspirados no existente Observapoa, a fim de fornecer os dados necessários de localização dos imigrantes na cidade. Outra alternativa oferecida pelos participantes do FPMH seria a inscrição dos imigrantes no CAD Único, como forma de mobilizar recursos do governo federal para a municipalidade. Tal proposta era constantemente sustentada por algumas organizações, como o Centro Ítalo brasileiro de Atenção a Imigrantes (CIBAI) e a Caritas, combinando a atenção de políticas federais no município com a maneira de finalmente delinear o universo quantitativo de imigrantes. (JARDIM, 2014, p.4)

Apesar de haver certo consenso entre a prefeitura e a rede que compunha o FPMH sobre a inscrição no CAD Único como a melhor maneira de quantificar os imigrantes que residiam na cidade, além de poder com essa base de dados inseri-los nos programas sociais federais, o problema estava na operacionalidade desse cadastro. Os impasses com os quais trabalhávamos eram;

As ações propostas no formato mutirão se inspiram nas recentemente realizadas em Bento Gonçalves e Caxias do Sul, mas tem sido rechaçadas através de argumentos administrativos e técnicos pois se consideram os custos em movimentar algo excepcional para captar poucos migrantes, declinando exatamente do mecanismo proposto para ensejar a contabilidade sobre a presença migrante (JARDIM, 2014, p. 5)

Havia também a possibilidade de fazer o cadastro através do CAD SUS, feito nos postos de saúde, mas as dificuldades pareciam as mesmas, por parte da prefeitura, falta de equipe, horários, necessidade de terem os números de imigrantes para justificarem esse esforço, etc. Reuniões exaustivas<sup>15</sup> onde o dilema de não saber quantos são impossibilitava qualquer ação da prefeitura, até mesmo a ação de quantificar essas pessoas só poderia ser feita se soubéssemos quantos eram.

A constante negativa para tal mobilizar tal cadastramento já é uma experiência prévia das entidades de apoio aos imigrantes e o motivo de reiterado pleito perante as diferentes secretarias do município. São alegadas razões técnicas que imobilizariam o funcionário em seu escritório inviabilizando o tipo de cadastramento exigido, com senhas especiais do funcionário que não poderiam ser realocados, por exemplo, no salão paroquial da Igreja Pompéia – sede do Cibai. Uma outra alternativa, era o CADSUS que embora não tenha a mesma importância no acesso a políticas públicas e insumos federais, poderia ajudar a prefeitura a localizar os imigrantes pois é uma base territorializada em função dos atendimentos de postos de saúde nos bairros. Deste cadastramento de atendimentos, os imigrantes podem obter uma carteira do SUS válida em todo território nacional e ter o atendimento em qualquer posto de saúde de atenção básica. Ademais, o procedimento no posto, próximo a sua residência, também pode exigir ou comprovante de residência ou visita de agente de saúde para o mesmo fim. (JARDIM, 2015, p. 5)

À parte do poder público municipal, a sociedade civil organizava-se em torno da migração. No Sarandi, bairro onde instauram-se um número expressivo de haitianos e

---

<sup>15</sup> Não me aprofundarei nesse dilema, mas os textos JARDIM (2014), acerca das dificuldades enfrentadas pelos haitianos e haitianas em Porto Alegre são bastante densos ao que concerne a essa problemática.



senegaleses em dezembro de 2013, era foco de atenção do GAIRE (grupo de apoio ao imigrante e refugiado), projeto de extensão universitária da faculdade de direito da UFRGS e tornou-se nosso lócus de intervenção.

Como salienta JARDIM (2015) , ao acompanhar a migração haitiana no Brasil nos últimos anos e toda a arena de debates acerca da documentação, é importante discutir os caminhos percorridos após o primeiro obstáculo vencido, qual seja, o da legalização e documentação. O que muitas vezes parece ser um problema unicamente da migração ou próprio dela esconde um problema estrutural de nossas instituições como, por exemplo, a dificuldade em entender arranjos familiares diferentes do modelo pai/ mãe e filhos que são a normatividade do Estado. Em umas das visitas que fizemos ao Centro de referência de Assistência Social – CRAS, o problema que parece ser um dos centrais na recepção de migrantes, o obstáculo da língua, parece diluir-se em outros obstáculos, como o da percepção de que o migrante é um sujeito de direito das políticas públicas nacionais.

## **2.4 Visitando a rede pública de Assistência Social**

Como evidencio em meu diário de campo. Aqui exponho, o diário em que Denise Jardim passa de orientadora a uma participante do campo que compartilhamos:

A assistente social nos explica que para a pessoa ser atendida é preciso agendar um dia e um horário. Denise pondera que há a dificuldade da língua e que é preciso pensar uma ação de tradução para esses casos e comenta que temos uma cartilha feita no Paraná em *Kreòl*, diz que poderia passar uma pra elas, mas a assistente que não lembro o nome é enfática: *Não, não, pra gente é complicado!* Me parece que elas nem curiosidade tem, como se o trabalho delas fosse simplesmente preencher aquele cadastro com as informações tidas como corretas e acabou. Marcela explica que para ter o benefício do bolsa família, a teto da renda do grupo familiar é de 154 per capita se houver criança e 77 sem filhos. Elas falam que o governo não está repassando o benefício do bolsa família em Porto Alegre. Denise pergunta se os estrangeiros poderiam acessar esse recurso e elas falam que acha que sim, mas que nunca atenderam um caso desses. Marcela nos mostra o formulário que usam para o cadastro. É um caderno enorme de várias páginas e com muitas perguntas, vamos repassando a estrutura desse livro juntas. Denise explica um pouco da situação dessas famílias, que alugam peças e não casas, que dividem essas peças, muitas vezes, com pessoas que não são do núcleo familiar, que eles enviam dinheiro para o Haiti onde deixaram suas famílias. Vemos que a partir das perguntas fechadas do formulário, vai

ser um pouco difícil encaixar essas situações, no cadastro, por exemplo, não consta a possibilidade de marcar um item como pensão, que talvez ajudasse a explicar a remessa de dinheiro que eles fazem para suas famílias. Elas explicam que grupo familiar é quem mora na mesma casa, o que é bem estranho. (diário de campo, 3/10/2014)

Naquele momento, e em outros, o diálogo em campo não se travava somente com as haitianas, mas com essa rede de pessoas que a eles deveria estar destinados os acessos a assistência social. A definição da co-residência como critério de família já parecia contemplar a situação dos haitianos que vivem a participar ativamente também de uma vida familiar no Haiti, sobretudo, financeiramente. Como entender a situação de um migrante que está aqui a enviar dinheiro para sua família em um outro país, que divide, muitas vezes uma habitação com outros migrantes para compartilhar os gastos e que está sempre a espera de algum parente que possa chegar? Como produzir o conjunto de comprovações necessários para preencher o cadastro de “apenas” mais de 10 páginas e ainda assistir uma palestra em português acerca dos direitos e deveres da cidadania brasileira. Nesse momento, parece haver um impasse, não só por conta da burocracia que leva tempo para ser reformulada mesmo quando a demanda é antiga e urgente, mas um modo de operar do agente público que impossibilita um diálogo, alguma área de agencia.

É também expressivo a forma com que os mecanismo do Estado da assistência social trabalham dentro de um regime de prioridades, de sujeitos prioritários de suas ações e que nesses grupo não comportavam a realidade migratória como JARDIM (2015) aponta;

“Minha preocupação centra-se nos modos como esses sujeitos, que encontraram na imigração um modo de dar prosseguimento às suas vidas, se relacionam com lógicas diversas de recepção e gerenciamento de populações no território nacional que os recebe. Portanto, as perguntas não se direcionam aos imigrantes unicamente, sobre sua capacidade de trilhar outras lógicas nacionais, mas sim a capacidade de compreendermos desafios mútuos vivenciados por migrantes em seu processo de obtenção de nova cidadania”.

É necessário problematizar os desafios compartilhados com migrantes e a população nacional, como esses mecanismos que se organizam dentro de uma lógica territorial invisibilizam migrantes, mas também nacionais, criando assim zonas, grupos de desaparecidos do sistema. Todo o campo dessa monografia é perpassado por situação

que parecem ser excepcionais porque os agentes do Estado são “surpreendidos” pela migração, mas as dinâmicas parecem estar dentro de uma normalidade prevista e organizada. Há na recepção das migrantes que acompanhei uma sequência que passa pela desconfiança se estão em situação ilegal quanto aos documentos e vistos, depois por uma espécie de atualização e reatualização de seus pré-conceitos, seguido de uma verificação da condição de pobres e quão pobres são para então seguirem com um protocolo padrão.

### Capítulo 3: Quando o Sarandi torna-se parte do Haiti

*SÈL COUTEAU CONNIN ÇA QUI NAN COEUR GNANME -  
Só a faca conhece o segredo escondido no coração do inhame.*<sup>16</sup>

O campo desse trabalho começou em agosto de 2014, no acompanhamento às oficinas de português e assessoria jurídica promovidas pelo GAIRE no bairro Sarandi. O bairro era o local de residência de um número expressivo de imigrantes senegaleses e haitianos. O GAIRE fora acionado por Dandara, uma estudante de letras desta universidade surpreendida - junto com sua família – com a quantidade de imigrantes que passaram a viver no seu bairro no começo daquele ano. A família de Dandara tem um pequeno mercado no começo de uma das três ruas que compõem o mapa de moradia de, como estimado, naquele momento, pelo Seu Almir (pai de Dandara), uns 50 haitianos<sup>17</sup>. É a família de Dandara e seu Almir o ponto central de diálogo para começar a entender as dinâmicas desses fluxos no bairro, já que todos os moradores desse conjunto de ruas passam pela frente do seu mercado para irem ao “paradão de ônibus” e também porque a maioria dos haitianos recém chegados recorrem à caderneta de fiado do seu Almir para começarem a vida ali.

Nesse capítulo discorro acerca da inserção em campo, sobre o modo como a migração haitiana instalou-se no Sarandi, seus modos de habitar tanto o espaço público e também suas casas. No primeiro tópico, a rede de apoio constituída pelos próprios moradores e por grupos organizados em torno das migrações que passam a atuar no bairro estão em destaque. No segundo tópico, resgato situações recorrentes no acompanhamento do pré-natal das migrantes haitianas, como os sumiços dos postos de saúde e as dinâmicas dos exames de pré-natal. No terceiro tópico, o bairro Sarandi é descrito em relação as transformações pela presença dos migrantes. No quarto tópico, descrevo a descoberta de dinâmicas próprias dos haitianos (as)em acolher novos migrantes que chamamos de “seus” uma vez que o parentesco é bastante difuso a primeira vista não excludente.

#### 3.1 A rede de apoio tecida pelos moradores do bairro

Para melhor entender a relação dessa família com a migração haitiana para o

---

<sup>16</sup>Ditado popular haitiano cujo significado é “só a faca conhece o segredo escondido no coração do inhame.”

<sup>17</sup>Por conta do trânsito sempre constante desses migrantes não foi possível quantificar os migrantes.

bairro, transcrevo aqui um trecho de meu diário de campo de uma primeira conversa com seu Almir e Dandara promovida pela prof<sup>a</sup> Denise e eu em agosto de 2014, no segundo andar da casa deles.

O primeiro mutirão com o GAIRE aconteceu em maio e tinha como objetivo levá-los até o posto para tomar vacinas\*<sup>18</sup>, ver como estava a saúde e o senhor Almir foi em cada casa explicando e chamando-os, disse que até de carro levou alguns o que gerou certo ciúmes em outros. Seu Almir proferiu uma frase inúmeras vezes durante a conversa “ quem busca o melhor para si, busca o melhor para todo mundo”.

Ele tentou arrumar um jeito do agente de saúde ir na casa dos migrantes em um horário não comercial porque segundo ele todos trabalham muito, mas disse que isso é bem difícil porque teria que pedir autorização e demoraria muito.

Nos conta que os migrantes alugam peças nas casas que ficam nas três ruas ali no bairro e que todos dividem, às vezes, até com 4 pessoas uma “peça. O senhor Almir diz que os orienta para não dar dinheiro para a igreja, que eles precisam pensar primeiro em si e na família que deixaram no Haiti. Parece que ele é um conselheiro para eles, que é a pessoa que é acionada quando precisam de informação. Conta que até no hospital já levou um migrante e que lá eles não queriam atendê-lo, mas que ele, inclusive, questionou isso e pediu que a técnica do lugar escrevesse um parecer assinado explicando porque não atenderia o rapaz. Com essa estratégia ele conseguiu que o menino fosse atendido, mas que o diagnóstico fora cansaço muscular por conta das jornadas de trabalho exaustivas. Ele diz que em muitos casos esses migrantes estão sendo explorados pelas empresas. Dandara nos fala da frustração advinda pelas ocupações que eles conseguem aqui e que não coincidem com as esperadas, já que muitos deles possuem diplomas superiores e aqui só conseguem trabalhos na construção civil ou no setor de limpeza ou em chão de fábrica. O senhor Almir conta que a assistência social muitas vezes fornece passagens pra que eles procurem emprego.

O senhor Almir conta que há preconceito por parte dos moradores do bairro e que eles não entendem porque ele se preocupa tanto com esse assunto. Ele conta que tenta convencê-los de que é necessário que eles ajudem esses migrantes, já que no Brasil todo mundo vem de um processo de migração, que é necessário esse primeiro auxílio até eles começarem a andar com as próprias pernas. (diário de campo, agosto de 2014)

Seu Almir faz parte de uma das associações de moradores e também tem uma vasta rede de contatos, na creche, na escola, no Centro Vida<sup>19</sup> e já havia ficado sabendo que uma agente de saúde do posto fora fazer visitas domiciliares a uma haitiana porque existia a suspeita de uma grávida “sozinha” e sem sair de casa. Por um lado, era interessante que a gestação de uma migrante estivesse em destaque, uma preocupação com a manutenção da vida, um acompanhamento dos passos e etapas daquelas pessoas. Por outro lado, ressalto que essa preocupação dos moradores, talvez seja mais orientada

---

<sup>18</sup> Esse evento foi uma ação conjunta do GAIRE com o posto de saúde local que mobilizou uma espécie de força tarefa para atendê-los em um sábado pela manhã. Eu não tive acesso a outros relatos sobre o evento.

<sup>19</sup> O centro humanístico Vida localizado na avenida Baltazar de Oliveira Garcia é um centro cultural que disponibiliza para a comunidade aulas profissionalizantes, acesso a biblioteca, a computadores. O centro é gerenciado pela associação de moradores do bairro.

pelo desconhecimento sobre a história dessas mulheres, se sabiam ou não da existência de pré-natal no Haiti, se tinham boas condutas de higiene no país de origem ou qualquer outro “pré-conceito”. Como Sayad (1978) coloca, os migrantes levam consigo signos que as qualificam, classificam e orientam a sua recepção.

É a partir dessa conversa que a tentativa de compreender como o caso de algumas migrantes estarem grávidas havia se tornado assunto no bairro, com uma preocupação especial por parte dos agentes de saúde, mas também para entender como o acesso a saúde da mulher gestante funcionava na prática, começamos uma busca por localizar essas mulheres. Um tanto na tentativa de perceber como a migração que é sempre atrelada ao trabalho e que em todos os outros setores da vida é percebida como um problema na sociedade de acolhida, como SAYAD (1998) descreve,

Está no estatuto do imigrante (estatuto ao mesmo tempo social, jurídico, político e, também, científico), e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados – problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos, etc, mais do que no sentido de problemática constituída de forma crítica em relação a um objeto que cria necessariamente um problema e que, característica esta que lhe é própria, existe apenas, no limite, graças aos problemas que coloca para a sociedade (SAYAD, 1998, p. 15).

Esse poderia constituir-se em lócus privilegiado para olhar-mos nossas instituições de saúde.

O GAIRE nesse momento também começava a se movimentar em direção ao acompanhamento das migrantes gestantes. Surgia então a proposta de fazermos um chá de fraudas coletivo pra elas, onde o GAIRE se responsabilizaria em arrecadar doações na comunidade e também fora dela. A prof<sup>a</sup> Denise Jardim, Dandara e eu acabamos por ficar com a demanda de saber quantas eram essas grávidas, quem eram, onde moravam e convida-las para o evento. O primeiro passo foi ir até o posto para entender se estava sendo feito o cartão do SUS, se havia algum projeto do posto de atendimento diferenciado ou prioritário, assim como para distribuímos uma cratilha de *kreòl* – português que havíamos conseguido. Na primeira visita ao posto, conseguimos com a agente de saúde uma lista contendo cerca de 20 nomes entre mulheres e homens que eram atendidos no posto, alguns já possuem cartão SUS e outros não. Na lista constava o nome e endereço de seis grávidas.

A primeira haitiana grávida que contatamos fora Wilma, que já conhecíamos das oficinas do GAIRE e também já havíamos acompanhado até a DPU para a abertura do processo de reunificação familiar. Na primeira saída para os convites, Wilma nos leva

então para conhecer Beta, que mora bem perto de sua casa, as duas se conheceram no bairro e sabiam de outras haitianas grávidas, mas as informações de seus endereços não eram muito precisas. Feito os dois primeiros convites vamos à procura de Elisa, mas ela já não morava mais no endereço que dera ao posto e depois de algumas “investigações” as indicações é de que ela teria ido para o bairro Santa Rosa.

Ainda no começo da busca por esse grupo de haitianas grávidas ligo para um outro posto de saúde que não fica muito longe do primeiro posto, mas que por uma divisão territorial do bairro acaba por atender determinadas ruas e não outras. Nesse momento estou em busca de informações sobre uma grávida que havia começado o pré-natal no primeiro posto, mas que não havia mais comparecido as consultas possivelmente por ter se mudado.

Como havia combinado com Dandara, no dia anterior, ligo para o posto do Passo das Pedras logo pela manhã, mas ninguém atende. Sigo o dia com minhas tarefas e ligo às 15:30, agora um mulher com uma voz que denunciava já não ser jovem atende e peço para falar com Gilda que me atendera no dia anterior. Para minha sorte, já estou falando com ela e me apresento outra vez, dizendo que sou a estudante de antropologia da UFRGS que havia conversado com ela ontem, **que estou à procura de gestantes estrangeiras. Hoje, para minha surpresa ela diz que não sabe de nenhuma grávida assim, mas que vai procurar nos registros do grupo de grávidas e pede para eu esperar um pouco.**

Achei que seria um pouco mesmo, mas foram 20 minutos na linha a ouvir as mulheres da secretaria conversando sobre compras na revista da boticário e casos onde a vendedora foi pilantra ao levar produtos que elas não encomendaram. Ainda bem que pago por ligação e não por minutos. Eu fico atenta a toda conversa, Gilda grita pelo nome de Laura, pedindo ajuda, dizendo que ela deve saber como procurar essas coisas. Lá pelas tantas, ouço a voz de Gilda que pronuncia o nome de Mary, mas o resto da frase não consigo ouvir devido a tanta conversa paralela vinda daquela sala. Gilda volta ao telefone e diz só encontrou duas mulheres, a John e a Kelly, digo que Kelly já conheço e que ela inclusive já ganhou o bebê. Peço para ela me dar o endereço da John e ela pede para eu aguardar um pouco. Gilda volta, diz que John e Kelly são a mesma pessoa e que me passará Laura que conseguirá me ajudar melhor.

Laura entra na conversa e tenho que explicar tudo outra vez e ela diz que vai procurar no grupo de grávidas. Suspeito que não há esse tipo e informação em bloco. Laura então pede o meu número, dizendo que retornará a ligação dentro de alguns minutos para eu não ficar esperando até que elas procurem. Dou o número, mas digo que não se preocupe que eu retornarei dentro de 20 minutos.

Desligo e vou tomar um chimarrão. Apesar de achar que conversarei com Laura, é Gilda quem atende a ligação e diz que não achou mais nenhuma grávida estrangeira, pergunto então se Mary não está sendo atendida naquele posto, ela pede que eu informe o endereço dela. Eu digo o que eu tinha que é rua João Bravo de Almeida, ela pede ainda conversando comigo, para uma outra pessoa procurar no computador a rua para saber se esse endereço pertence ao posto. Fico confusa nesse momento porque quem falou o nome de Mary pela primeira vez foi ela e não eu, logo se ela tem esse nome é porque o posto a assiste. **Gilda volta e de novo para minha surpresa ela fala o nome completo de Mary e diz que ela não pertence aquele posto. Pergunto como Gilda sabe o nome dela completo e ela diz que foi eu quem deu, mas digo enfaticamente que não poderia ter dado, já que não**

**sabia seu nome completo naquele momento.** Bom, ela insiste que Mary não é atendida ali, mas no posto esperança cordeiro. Como já estou um pouco e saco cheio dessa conversa, agradeço a atenção de Gilda e me despeço. (diário de campo, agosto de 2014)

Como evidenciado por esse trecho do meu diário desde o primeiro momento no posto, conseguimos perceber que há uma lacuna de informações entre os postos de saúde. Quando uma grávida deixa de frequentar um posto de saúde porque mudou de endereço e vai até o posto mais próximo de sua casa, ela continua constando como atendida do primeiro posto, mas como tivesse abandonado seu programa médico. O próximo posto não informa ao primeiro ou não coloca em um banco de dados que recolha os dados, exames, pareceres do primeiro posto e a identifique como sendo paciente antiga da rede de saúde. Não há um registro único que ligue o nome dela ou o próprio número do cartão SUS indicando para o primeiro posto que ela agora faz consultas em outro. Não há um programa de unificado dos registros dos postos de saúde. Logo como aquelas famílias de migrantes andavam às voltas na busca de alugueis mais em conta, casas mais perto do trabalho, melhor vizinhança e por consequência mudavam-se com muita frequência, os postos acabavam gerando esses indivíduos desaparecidos. JARDIM (2014) discutindo a recepção das haitianas no sistema único de saúde argumenta que o problema possa ser na incompatibilidade do cenário da migração e suas dinâmicas com a lógica territorialista do Estado.

Tal lógica com que trabalham os postos de saúde parece reduzir sua capacidade de trocar informações rapidamente com postos vizinhos, pois a rede parece apontar para seus encaminhamentos prioritários e não para territórios que contemplam olhar a circulação e a mobilidade dos moradores. Quando então uma usuária, aqui no caso uma imigrante, é invisível é porque sai da esfera territorial do posto de saúde de origem e não é acionada uma busca ativa por parte do posto que “a perdeu de vista”. A “busca ativa” dos agentes de saúde é apenas para aqueles que estão nos seus limites territoriais, portanto os novos usuários que para lá se mudaram e não exatamente para os “sumiços” das consultas programadas. (JARDIM, 2014, p.8)

Nesse sentido, pergunto-me se a não estabilidade e a constante circulação das pessoas poderia configurar como um fator que contribuiria com os altos índices de pré-natal inadequado no bairro, se teríamos um desajuste nessas estatísticas que produziriam sujeitos desassistidos. Valeria aqui dispor de uma pesquisa de maior fôlego que relacionasse o quadro estatístico referente a saúde da população gestante e a experiência dentro das instituições locais de atendimento.

Nessa busca por concretizar os convites pessoalmente, conhecemos 5 grávidas - aliás, 4 grávidas e uma parturiente de repouso em casa enquanto o bebê ficara no



hospital devido complicações no parto. Acabamos por envolvermo-nos nos em seus mundos, em suas dinâmicas, bem como suas demandas. Wilma, Beta, Rosa, e Joana, compareceram ao nosso chá de fraldas, só faltando Kelly que estava de resguardo pós-parto em casa. Havíamos separado as doações igualmente, assim havia uma banheira de plástico para cada e junto a quantidade de fraldas, roupinhas, produtos de beleza que havia sido arrecado. A festa fora em um sábado a tarde, em uma das creches do bairro.

Como na casa de estudante (CEU) onde eu morava, no centro da cidade, havia recebido estudantes haitianos há um bom tempo, eu conhecia alguns e acabei pedindo ajuda de um haitiano estudante de medicina para ser o interprete desse momento. Louis fora um grande parceiro nessa empreitada, atencioso e carinhoso com as grávidas que lhe fizeram inúmeras perguntas nesse dia. É tradicional em um chá de fraldas brasileiro ter uma brincadeira onde a grávida tenta adivinhar os presentes e se erra ganha como represália algum rabisco, desenho no corpo, mas nesse a brincadeira e o riso vieram de outra maneira. A prof<sup>ta</sup> Denise Jardim propôs que fizéssemos uma dinâmica mais de entrosamento e menos invasiva com nossas convidadas. O desafio era contar o que aprontávamos em nossa infância, alguma pequena sabotagem, peripécia que pudesse ser confessada naquela tarde. Louis fazia a tradução de toda sorte de pilantragens contadas. Terminado o chá de fraldas ainda antes do anoitecer, levamos os presentes de Kelly até sua casa assim como alguns doces, salgados e sucos que haviam sobrado.

Esse é o grupo que acompanhamos desde setembro de 2014 nas dinâmicas implicadas no pré-natal, parto e pós-parto, bem como as rotinas administrativas de acesso a direitos sociais que compreendem idas aos CRAS (Centros de Referência de Assistência Social), defensoria pública na união, SAF (serviço de atendimento a família), postos de saúde e hospitais. Na busca por imprimir no papel, as relações, os afetos, carinhos, alianças, desconfortos, medos, essas mulheres, seus enfrentamentos, suas “voltas por cima” que perpassam esta autora, decidi por colocar neste texto algumas situações vividas nesses espaços de encontro das instituições de saúde pública e a migração haitiana.

### **3.2 A saga dos exames médicos no Sarandi**

Como Joana precisa chegar cedo ao posto do Iapi e hoje dormi na casa da Lê em Viamão, levanto às 6 da manhã e saio de casa às 6:30. Não tá tão claro ainda porque estamos no horário de verão, mas é bonito ver o sol chegando. Pego dois ônibus lotados, dois trechos de engarrafamento e é nesse percurso que lembro das várias orientações de amigos já veteranos no curso quanto aos benefícios de achar um campo tranquilo, com pescadores, ou mulheres

camponeses no interior...

Para minha calma, chego às 8 horas em ponto na casa de Dandara e hoje quem abre a porta é dona Adriane e logo diz que seu Almir está viajando. Dandara e Joana estão sentadas estudando português e fico a falar com dona Adriane um pouco, ela fala que Joana bateu palmas às 6:30, acha que não entendeu bem o combinado com Dandara, que havia marcado para 7:30.

Joana é muito simpática, mas só fala Kreòl e entende um pouco francês, como não consigo conversar com ela, peço que Dandara traduza para o francês algumas perguntas minhas. Daí, fico sabendo que ela tem uma menina de 7 anos no Haiti, que trabalha no Supermercado e Shopping center Bourbom da Avenida Assis Brasil na limpeza. A conversa não flui muito bem porque ela tem dificuldade de entender francês também. Bom, a hora passa e por volta das 8:20 começo a ficar muito preocupada com o atraso de Denise que não atende o telefone. Bom, como Joana precisa chegar lá até às 9, ficamos discutindo o que fazer, se eu ou Dandara pegamos um ônibus e vamos entregar a mostra de urina de Joana ou esperamos mais um pouco. Como tenho certeza que Denise não iria esquecer um compromisso desses, argumento que esperemos mais um pouquinho e Denise salva minha fala chegando bem na hora.

O posto do Iapi tem o mesmo desenho do postão da cruzeiro, uma estrutura gigantesca de se perder corredor a fora, acho que foi o mesmo arquiteto com mania de caixas cinzas. Logo encontramos o laboratório onde entregaremos a amostra de urina, mas para a nossa “sorte”, há muitas pessoas naquele pequeno espaço. Vamos direto para o balcão de atendimento porque acreditávamos que era só entregar o potinho e ir embora, mas pra nossa quase surpresa, a simpática atendente que pareceu não ter ouvido nada, dá a sentença: Tem que pegar a ficha! Bom, a ficha que temos é de número 94... Foram quase 1 hora e meia ali sentadas no banco esperando, claro, exceto pelo tempo que passei fora procurando alguma coisa pra comer. Joana passa todo o tempo dormindo e Dandara, Denise e eu conversando sobre um pouco de tudo, desde a geladeira que precisamos transportar, até a dificuldades que o GAIRE apresenta quanto as suas dinâmicas desorganizadas e mal planejadas. Lá pelas tantas, Denise vai conferir o número que a atendente está chamando e está bem próximo do nosso e já esperamos em pé dentro do laboratório. **Fico ao lado de Joana quando a ficha 94 é gritada pela sala e ouço e interiro no diálogo da atendente com ela. Tenho a impressão que o que acontece é mais do que a dificuldade de Joana de não saber falar o português, mas que haveria uma séria de códigos de linguagem extremamente específico para esses lugares e que mesmo alguém que soubesse português ficaria confuso. As perguntas são feitas em forma exclamativa, como em: Telefone!!, endereço!!, idade!!, estado civil!!.**

Finalmente conseguimos deixar a amostra lá e seguimos pro bairro Sarandi.

Esse trecho do diário registra o percurso empreendido para dar conta de uma situação rotineira dentro do programa de pré-natal - fazer exames. Apresenta-nos que é necessário completar um itinerário dentro da cidade que envolve ter dinheiro para passagem, no mínimo, um turno livre para deslocamento e espera na fila de atendimento, entender as dinâmicas específicas desses lugares, seus códigos de linguagem, onde retira a ficha, qual ônibus pegar, quem pode indicar as direções. Esses “conhecimentos” e há possibilidade de completar esse itinerário fora possível nesse momento por conta de nossa interferência na rotina dessas migrantes, mas em outros momentos isso dá-se através da rede de vizinhos que mesmo não ajudando financeiramente sempre consegue devolver alguma informação que ajude.

Logo que conseguimos identificar as grávidas, começamos ao mesmo tempo a tentar entender o bairro. Para tanto o banco de dados do ObservaPoa<sup>20</sup> foi um dos lugares onde pudemos comparar bairros, índices, cruzar dados, gerar mapas. Ao analisar o bairro pelos indicadores de saúde da mulher gestante os números são alarmante. Quanto ao percentual de nascidos vivos cujas mães realizaram 7 ou mais consultas de pré-natal, a zona norte apresenta um dos piores índices da capital, contando com 62,26%, os dados quanto a mortalidade infantil até 364 dias são de 11,84 para mil crianças, quanto a mortalidade infantil até 5 anos ela chega a marca de 13,23 crianças em mil.

Fazendo comparações com outros bairros da cidade esse índice esses índices são alarmantes, como, por exemplo, o bairro Moinhos de Vento<sup>21</sup> que apresenta o percentual de nascidos vivos cujas mães fizeram 7 ou mais consultas de pré-natal de 93,62. O percentual de mortalidade infantil até 364 dias não existe para esse bairro, nem os dados de mortalidade infantil até os 5 anos. Um dos indicadores disponibilizados é o de baixo peso ao nascer (menos de 2,5 kg) que apresenta o índice de 2,13, enquanto o Sarandi apresenta 9,38. Um outro indicador bastante expressivo é o percentual de gravidez na adolescência de mães negras, que o bairro Moinhos de Vento apresenta zero por cento, enquanto o Sarandi conta com 20% de suas mães sendo adolescentes negras.<sup>22</sup> Os bairros comparados são extremamente diferentes, mas o que importa nessa análise é indicar que há uma discrepância entre bairros ou a produção de zonas de abandono, de exclusão, não me aprofundarei nessa discussão.

A vivência no SUS, nos espaços de gerenciamento da saúde da população do Sarandi, fora a forma de entrar em campo, tornando-se experiências absurdamente complexas e que pela escolha do recorte que teria esse trabalho, não será por aqui adensada. A parte anterior, os índices trazidos é mais na intenção de registrar algumas reflexões e menos de ter como objetivo dessa monografia. Passo então a compor o que mais me desafia, mais convoca-me a escrever, que é a vida pulsante que não para frente a barreira nenhuma, que não se “micha”, que se inventa, que se vira do avesso se preciso. Assim, eu também tomo fôlego para um dia voltar essas histórias vividas no pré-natal, no hospital, nas primeiras roupinhas dos bebês, nas fraudas, os telefonemas, etc.

---

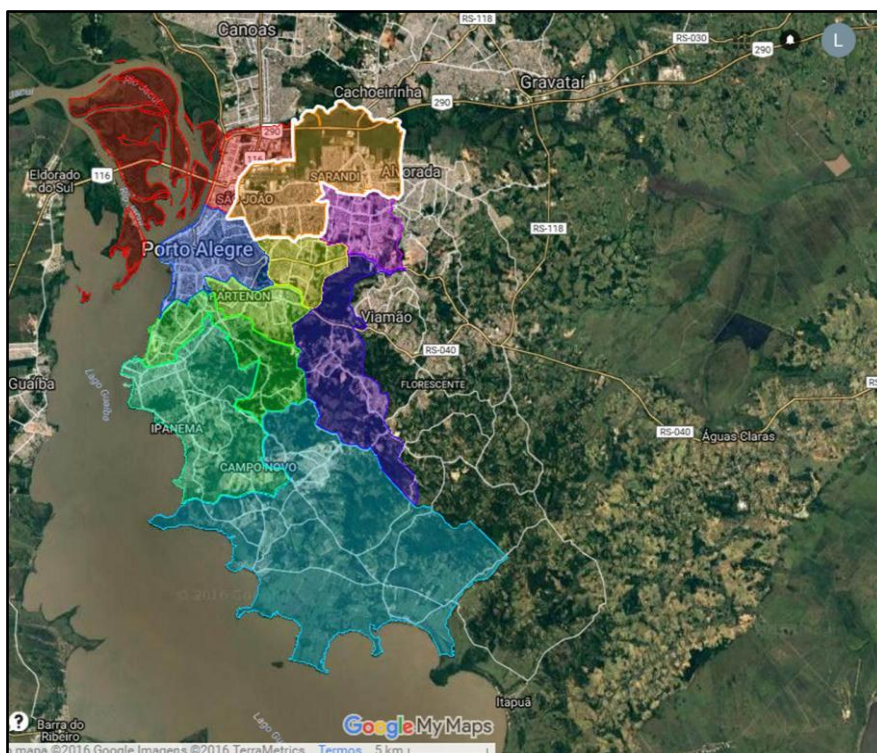
<sup>20</sup> O observapoa

<sup>21</sup> Um dos bairros mais nobres de Porto Alegre, localizado próximo ao centro da cidade.

<sup>22</sup> Essas comparações não tem base estatística, nem leva em consideração as diferenças dos bairros quanto a sua população e tem como objetivo demonstrar a desigualdade entre os bairros da cidade.

### 3.3 Sarandi: Um bairro operário visto de perto

O Sarandi localiza-se ao extremo norte da capital, ou seja, nas bordas da cidade de Porto Alegre e é um dos bairros mais populosos da capital<sup>23</sup>. No século XIX, a região fora ocupada por uma série de sítios de criação de gado e tambos de leite<sup>24</sup>, modificando-se apenas no começo do século XX, com o crescimento de sua população e a instalação de plantações de arroz. A zona terá certo planejamento habitacional e saneamento por parte da prefeitura em 1945 na gestão do prefeito Ildo Meneghetti, quando o Grêmio futebol Portoalegrense compra a Vila Caiu do Céu para construir seu estádio. Assim surgem as Vilas Meneghetti e Vila Leão, depois temos as construções de loteamento por iniciativa privada onde surgem as vilas Parque Elizabeth e minuano que juntas compõem atualmente o Sarandi.<sup>25</sup>



MAPA 1: Mapa de Porto Alegre produzido pelo ObservaPOa, em contorno branco, ao norte, está delimitado o bairro Sarandi

<sup>23</sup> Segundo dados do IBGE publicados em:

<sup>24</sup> Tambos de leite são locais onde o leite é armazenada para a distribuição...

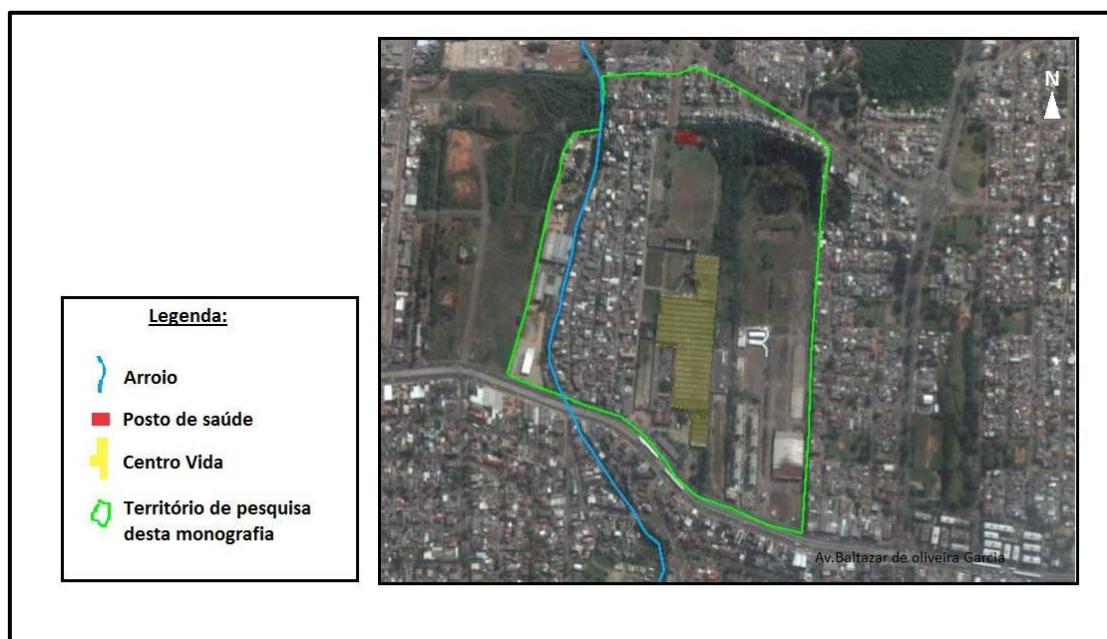
<sup>25</sup> As referências históricas foram tiradas de um pesquisa do Centro de Pesquisa Histórica vinculada a Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura no arquivo que segue: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf)

O bairro é um “polo” empregador<sup>26</sup>, sendo um dos maiores número de empregos formais da capital, composto predominantemente por residências, onde um lote pode conter inúmeras casas, tanto para aluguel como para moradia da família estendida.

Entendo como delimitante do bairro uma pequena parcela de seu território, compreendido nesse trabalho como uma pequena comunidade que faz parte do território do Sarandi. Essa comunidade é formada por três ruas, que tem em seu conjunto os limites da área compreendida pelo Centro Vida à direita e um arroio do lado direito. Encontram-se duas creches, um Serviço de assistência família (SAF), um posto de saúde que quase se esconde no final de uma das ruas e por trás de uma área verde quase um aterro de lixo, móveis velhos, calças. E, claro, aqueles minimercados abarrotados de produtos que muitas vezes já viraram artigos extintos de nossas vidas, como a paçoquinha em formato de rolha vendida sozinha sem plástico algum em volta, o guaraná de garrafa de vidro, as linguiças dependuradas na parte mais escura, o caderno do fiado que não se compara nem de longe com o uso impessoal do cartão de crédito. Sem esquecer da maria mole cheia de açúcar por cima, a teta de nega, e o sacolé de fruta ou de leite que enloquece qualquer pessoa. Como nem tudo são flores, acompanhada desse cenário, há na periferia das cidades sempre uma outra gerência do espaço público também e ali não é diferente. Basta andar pelas suas ruelas para entender que as organizações ligadas ao tráfico também organizam o território de alguma forma.

---

<sup>26</sup> Segundo dados do IBGE de 2010 acessados pelo site do observapoa.



MAPA 2: O mapa delimitado pelas bordas em verde compreende o território de vivência dessa etnografia

Durante esse trabalho de campo, muitas ruelas foram fechadas (com tijolos e cacos de vidro), abertas ou re-abertas, assim como em muitos dias havia imensos carros da brigada militar que mais pareciam tanques de guerra no meio das ruas. Agora as ruas também comportam outras sociabilidades, como os grupos de haitianos conversando nas esquinas, as haitianas que buscam água na bica<sup>27</sup>, os novos tons de negro, o som do *Kreòl* que é ouvido a todo tempo, a batida do Komba agora é ouvida tanto quanto o funk e o rap pelas ruas do bairro nos telefones celulares sem fones de ouvido.

Para compôr a diversidade de igrejas protestantes com os mais diversos nomes existentes, também agora no bairro teremos a *Assemblée de Dieu*, uma igreja haitiana que é também um centro de referência de boa parte dessa comunidade.

<sup>27</sup> Fonte de água natural onde a população vai buscar água.



**Foto 1:** A Assembleia de Deus haitiana. Crédito meu, dezembro de 2016, na Avenida Baltazar de Oliveira Garcia.

Em uma tentativa de dar amplitude para a dimensão micro da experiência migratória, de percorrer o bairro, seus limites, passo a frequentar as casas, as intimidades do habitar dos móveis, do sentir e deixar-se mais à vontade na recepção dos amigos e parentes.

### **3.4 Casas: Os colchões e a espera dos seus.**

No Sarandi, como nas periferias de grandes cidades, o planejamento do espaço dá-se conforme as necessidades, as contingências, formando assim lotes, terrenos de casas quase de improviso, quase sem espaço verde, tudo preenchido com quartos, casinhas, “peças”. É nesse “espaço-mundo” que essas haitianas constroem suas experiências, seus modos de ser dentro do que há de possível nessa configuração de casa. Como Louis Marcelin (1999) aponta, a casa é organizada pensando tanto a ordem natural como a ordem social, onde sua organização colocaria fronteiras invisíveis onde se pode localizar e condicionar modos de estar no mundo a partir das relações familiares. MARCELIN (1999) ainda indica que pensar a casa é determinante para refletir acerca da produção das relações sociais, que a casa é o espaço por excelência onde os laços são re-afirmados, produzidos, alinhados.

Na casa, entra-se pela única porta que dá para entrada e saída e já estamos na cozinha onde tem um balcão de pia, ao lado da geladeira embaixo do microondas seguido da mesa do computador com a impressora e os quatro telefones sem fios que

ficam do lado da “cristaleira” que fica ao lado de um sofá de dois lugares. Na frente de um outro sofá que fica na frente da porta do banheiro, no espaço minúsculo entre a cristaleira e o sofá existe a passagem para o quarto. No quarto há um guarda-roupa, a mesa redonda que ficava na cozinha da outra casa, as malas das viagens que ainda seguem cheias de roupas que não cabem no guarda-roupas. Uma cama de casal box, um colchão de casal por cima, uma cama de solteiro, com mais dois colchões do lado. É cama e colchão que não se acaba. (diário de campo, 12/5/2016)

É em casas pequenas, de apenas 3 ou 4 cômodos, como está descrita no trecho acima, que a vida da migração haitiana ganha forma também, é onde os parentes que chegam tentam acomodar-se até encontrar uma casa maior e trazer os seus cônjuges, filhos, outros primos e pais. Não há quem chegue sozinho, sem rede de amparo, sem um colchão para descansar o corpo dessas viagens cheias de escalas, contratemplos, esperança e expectativas. Como na etnografia de HANDERSON (2015) que, em um de seus capítulos, descreve as casas construídas no Haiti por haitianos que estão em mobilidade, vivendo em outros países, demonstra que há a possibilidade de pensarmos as dinâmicas sociais da migração através da configuração das casas construídas, dos objetos que há nelas, do circuito de cuidado, de empréstimo ou da própria construção da casa.

As atitudes da população haitiana em seus lares e as práticas cotidianas nesse espaço também devem ser compreendidas no contexto de redes transnacionais e diásporas, isto é, as redes de pessoas construtoras delas. A maioria de pessoas residentes *aletranje* que voltam ao Haiti para construir suas casas, deixa parentes ou amigos nelas para cuidá-las, uma vez habitáveis. A abordagem etnográfica das casas mostra a relação entre a intensa circulação de haitianos no Haiti e fora dele, com suas casas nesse país, as redes de relações familiares, os laços afetivos, a “casa” e as “configurações de casas” habitadas pelas famílias no contexto das redes dentro das quais elas interagem, bem como objetos e produtos do *peyi etranje* (país estrangeiro). (HANDERSON, 2015, p. 277)

Aqui em uma das pontas desse movimento diáspórico, as casas abrem-se, independentemente de seu tamanho para uma primeira passagem, uma primeira noite, uma primeira semana até que o migrante encontre um lugar para si, um lugar para trazer os seus parentes mais próximos também. A pilha de colchões que encontrei tantas vezes em suas casas, demarcam seus pertencimentos, seus comprometermos e alianças. A impressão que se tem é que ninguém migra sozinho, ninguém desgarrasse em uma busca do paraíso onde encontrara-se só, apenas com sua subjetividade e poderá construir seu destino para além do que deixaste. No campo desse trabalho, a família era



o denominador comum das relações sociais, era pela família e para a família que os trânsitos eram praticados.

“se bondye vle, minha mãe e minha filha vem, eu preciso delas comigo.”  
Como elas pagarão a viagem? E o visto? “Se minha mãe vem, eu posso trabalhar, ela pode cuidar de Bruno de minha filha” (diário de campo, 20 de novembro de 2015)

Esse trecho do diário, demarca que os parentes trazidos são abrem possibilidades de outras inserções no novo país, de outros agenciamentos. Como o caso de uma de minhas interlocutoras que nesse trecho evidencia a necessidade de trazer sua mãe para que cuide da casa, de seu filho pequeno, assim como trazer a filha significa não precisar enviar mais dinheiro para as despesas com a escola e alimentação no Haiti.

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces  
 Estendendo-me os braços, e seguros  
 De que seria bom que eu os ouvisse  
 Quando me dizem: "vem por aqui!"  
 Eu olho-os com olhos lassos,  
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)  
 E cruzo os braços,  
 E nunca vou por ali...  
 A minha glória é esta:  
 Criar desumanidades!  
 Não acompanhar ninguém.  
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
 Com que rasguei o ventre à minha mãe  
 Não, não vou por aí! Só vou por onde  
 Me levam meus próprios passos...  
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
 Por que me repetis: "vem por aqui!"? (RÉGIO, 1955, p. 108)

A poesia que abre esse capítulo traz um sentimento que vivi muitas vezes com essa interlocutora, com esse campo, onde a imprevisibilidade das migrantes me encantava. É uma vontade de estar vivo, de só ir pra onde levam seus próprios passos, de ter um horizonte que leva sempre para outro lugar, que transborda.

Como o campo é dado ao inesperado, muito mais do que ao projeto de desvendar problemas postos anteriormente, deixei que a minha investigação corresse também ao sabor dos encontros em campo nas suas mais diversas direções apontadas. Assim, depois de quase dois anos de trabalho de campo, nessa jornada em busca de aprender a fazer etnografia junto com as migrantes, descubro-me completamente perpassada por uma personagem e entrego, assim, minha investigação científica a um grande diálogo. Claro que também essa escolha não é uma definição pessoal somente, mas fruto de uma opção epistemológica fundamentada. Trago então as contribuições de Jeanne Fravret-Saada que escolhe “conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (FAVRET-SAADA, 2005, p.160) para além de justificar o enquadramento desse diálogo, sinalizar que os afetos, a capacidade de afetar-se fazem parte da experiência antropológica e devem estar presentes também no texto.

No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (FAVRET-

O trabalho de Favret-Saada no Bocage francês é singular ao propôr o “afetar-se” como central no trabalho de campo, mas não em forma de empatia, de fusão com o nativo, mas no sentido de “habitar um outro lugar”, de ser atravessado por intensidades diferentes, de sentir de formas distintas daquelas que estamos habituados a viver. Nesse sentido, meu trabalho de campo foi também “viver com”, caminhar lado a lado, envolver-me nos dilemas da migração, colocar-me à disposição para enfrentar os desafios de viverem outros países

Esse capítulo está dividido em três tópicos. No primeiro tópico, evidencio que o trabalho de campo, a forma como analisamos o vivido na etnografia também é composto por inúmeras referências, por vivências outras que partem de distintos lugares e que elementos literários junto com os estudos etnográficos levaram-me a descoberta de outras agências no campo. É onde descubro a Madame Sara e volto ao campo com percepções diferentes. No segundo tópico, discorro acerca dos aprendizados com Madame Sara, a forma como fomos construindo um ambiente de diálogo, seus percursos até Porto Alegre, a forma como construí redes aqui e que estendem-se por como um território circulatório (HANDERSON, 2015). No terceiro tópico, segue algumas reflexões acerca do entendimento de quais elementos estão sendo mobilizados por essa personagem na busca por construir uma comunidade de apoio e partilha de vivências que remetam a um sentimento de familiaridade no contexto da migração.

#### **4.1 Um mergulho no Haiti**

Nesses caminhos percorridos dei-me conta que era necessário conhecer o Haiti não somente por sua história política (oficial e extra-oficial)<sup>28</sup>. De alguma forma, era imperativo que eu me aproximasse de sua música, sua literatura, suas manifestações culturais. Era necessário contrapor a tempestade de notícias e imagens de um Haiti miserável e ingovernável divulgadas pela mídia brasileira diariamente que tentavam consolidar-se em mim como verdades únicas. Lá fui eu vasculhar sites e fazer *download* de tudo o que achasse, ver todos os vídeos possíveis do youtube. De sua música, conheci, através de Jean Baptiste Nemours e Michel Martelly (*sweet micky*), a sonoridade do Kreol no ritmo mais dançante do Haiti, o Kompa. Na literatura pude expandir a extensão do realismo mágico ou real maravilhoso que, para mim, limitava-se

---

<sup>28</sup> Sobre esse assunto ver capítulo 2 dessa monografia.

a Gabriel García Marques, Vargas Llosa e Cortázar. Descobri Jacques Romain, Jean Price-Mars e principalmente Dany Laferrière com seu fantástico País sem Chapéu, produzindo um outro imaginário negro-caribenho. Assim, como também alarguei minha biblioteca mental acerca da literatura da diáspora que havia começado nos meus estudos na Universidade de Lisboa, no curso de estudos africanos. Desse Caribe negro “miserável” aproximei-me dos trabalhos de Alejo Carpentier e C.L.R. James.

Também importantes foram as monografias produzidas dentro do país, em especial, os estudos da equipe de Omar Ribeiro, professor da Unicamp<sup>29</sup> que inclusive estava em Porto Príncipe durante o terremoto de 2010, assim como os trabalhos orientados por Frederico Neiburg contribuíram imensamente<sup>30</sup>. Precisamente, em uma dessas incursões cibernéticas pelo Haiti, encontrei em um texto de THOMAZ(2010), uma personagem distinta.

Madame Sara é título dado às mulheres que fazem a ligação entre o campo e a cidade a partir da circulação interna de produtos e alimentos vindos do interior agrário até centros mais populosos no Haiti. Personagem esta tão importante pra estrutura da sociedade haitiana que como relatado por THOMAZ (2010), na ausência de qualquer ajuda humanitária pós-terremoto de 2010 pela incapacidade das ONGs e pela própria Minustah<sup>31</sup> de articularem as redes de sociabilidades locais, foram quem mantiveram a distribuição de alimentos para a população.

O que o terremoto, sim, revelou foi que por trás da arrogância do "mundo dos brancos" não existe uma proposta de reconstrução do país, mas apenas as diretrizes que devem reproduzir as bases de sua própria arrogância. Revelou também que, ao contrário daquilo que se assistiu na grande imprensa, e que percorre argumentos pseudo-hobbesianos de politólogos que não sonham em pôr os pés no Haiti, foram as instituições haitianas as únicas capazes de responder à catástrofe nos dias que sucederam aos grandes terremotos. Semanas após o retorno, entre inúmeros debates com aqueles que também por lá estiveram espremendo fragmentos de uma memória por vezes dolorosa, arrisco afirmar que os haitianos não esperaram nem o Estado ausente, e muito menos a atuação das organizações internacionais, Nações

---

<sup>29</sup> Acessado durante todo o trabalho de campo e a escrita da monografia: <https://lacidelle.wordpress.com/>

<sup>30</sup> Frederico Neiburg, professor de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, coordena uma equipe de pesquisa no Haiti desde 2007. Orientou diversos trabalhos de campo no Haiti, dedicando-se as reflexões acerca da Antropologia econômica.

<sup>31</sup> Minustah é a missão das Organizações das Nações Unidas - ONU para estabilização do Haiti chefiada pelo Brasil desde 2004. O que parece ser um cuidado com o país na tentativa de não deixar acontecer uma guerra civil, o que temos é mais de 10 anos de uma vergonhosa intervenção militar naquele país cujo o objetivo fora calar os movimentos sociais de esquerda que não concordavam com a gerência dos EUA e suas zonas francas de produção têxtil semi-escravas, assim como a política de destruição da soberania agrícola no país implantada pelas elites locais. Não irei aprofundar o tema ocupação da Minustah, mas o mesmo pode ser adensado no texto:

<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/Do%20Haiti%20ao%20Complexo%20do%20Alem%20C3%A3o.pdf>

Unidas incluídas. Hoje percebo que com estas instituições estabeleceram uma relação de exterioridade que não admite nem a espera, nem a esperança. (THOMAZ, 2010, p.24)

Madame Sara como aponta Thalita Stam<sup>32</sup>, não é só um ofício ligado ao comércio, mas um modo de organizar o mundo, de planejar e mobilizar relações sociais para dar conta das sucessivas adversidades do viver, do habitar o mundo social. Assim como As Madame Saras não existem antes das relações que estabelecem, as Madame Saras se constroem nas relações, nos trânsitos, nas alianças. O nome é em referência a um pássaro de mesmo nome, de origem subsaariana que vive em grandes bandos a fazer uma algazarra de barulhos que lembrariam os mercados ou as feiras das Madame Sara. As Madame Sara são a representação da resistência do mercado interno de produtos à figura do Komensá, que seria o importador de produtos estrangeiros. Essas mulheres transportam seus produtos nas costas atravessando os vales, com a ajuda de animais como mulas, cavalos ou caminhões pagos, conforme o capital que tiverem. (STAM,2012).



**Foto 2:** As madames Saras nas montanhas do Haiti. Fonte:

<http://www.madamsara.com/reportersnotebook/few-crops-after-hurricane-sandy/>

Encontrei a personagem que inspira esse capítulo pela primeira vez, e que

---

<sup>32</sup> Talita Stam, antropóloga Haitiana, mas com formação nos EUA, desenvolveu a pedido da ONG católica CORDAID membro da CIDSE que é a rede católica internacional ligada a Caritas, um estudo acerca do mercado informal no Haiti, focalizando essencialmente as Madame Sara. O estudo pode ser acessado através do endereço:

[https://www.cordaid.org/media/medialibrary/2013/08/Madam\\_Sara\\_report\\_2012\\_S.pdf](https://www.cordaid.org/media/medialibrary/2013/08/Madam_Sara_report_2012_S.pdf) Acessado em 3/11/2016

remonta à figura da Madame Sara no Haiti, em uma oficina do GAIRE no Centro Vida em um domingo de agosto de 2014. Wilma buscava naquele momento entender os caminhos burocráticos da reunificação familiar para trazer para junto de si sua filha que ficara no Haiti com sua mãe há 2 anos. Mesmo antes dela falar ao grupo o que buscava, ela já tinha me ofertado um sorriso que eu – por conta de certo desprendimento malandro – retribui com uma piscada e outro sorriso. No mesmo momento entendi que era a primeira vez no campo que havia tido um sorriso “descomprometido”: parecia que a sorte iria mudar. A prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Jardim oferece levá-la à Defensoria Pública para ser orientada quanto ao processo de reunião familiar. Denise só não podia buscá-la em casa, mas a estaria esperando no centro. Como eu sabia que não podia deixar de participar disso, disse a Denise que eu poderia ir até o bairro e acompanhá-la até seu encontro. Nesse momento, a possibilidade de dialogar com uma mulher era para mim de grande importância porque eu não me sentia confortável em pesquisar homens. Como já referimos anteriormente sobre a presença do etnógrafo em campo e aponta Devereux, “o sexo do etnógrafo é levado em conta para determinar o que lhe será permitido ver” (Devereux, 1980, apud Ciocari, 2004, p. 3).

Era a primeira mulher haitiana que conheci em campo e minha atenção foi capturada por uma curiosidade imensa. O que uma mulher de mais de 30 anos que deixou uma filha no Haiti e que viera até a oficina para saber como trazê-la para junto de si nos possibilita pensar?

Deparo-me, através desse encontro, com a possibilidade de refletir acerca de quais os desafios que a “migração feminina” aponta para as sociedades receptoras, assim como de que maneiras a mulher migrante define e discute suas cumplicidades com os filhos ou outros familiares que deixaram no país de origem. Quais as facetas da imigração quando os sujeitos são mulheres? Que ângulos e que olhares nos são necessariamente postos em urgência?

Como aponta Délia Dutra (2012), construir como objeto de pesquisa a migração internacional a partir da análise de gênero, pressupõe pensar a construção social da feminilidade, masculinidade e desigualdade a partir da divisão dos sexos e, como foco mais específico para este trabalho, como essas construções agem sobre as decisões das mulheres assim como o status que a sociedade de acolhida confere-lhes.

E é justamente nesse ponto que encontramos o desafio e a relevância de realizar pesquisas sobre migração internacional feminina focadas no micros social e que busquem ir além das causas e consequências deste fenômeno migratório, para assim

compreender as vivências dessas mulheres a partir das suas próprias perspectivas. (DUTRA, 2012, p.2)

Em nossa primeira saída juntas, no trajeto que faz o ônibus da zona norte até o centro da cidade de Porto Alegre, onde fica a DPU, faço poucas perguntas mas, na medida em que o português que ela sabia permitia, era eu a entrevistada. Perguntas como onde moro, cadê minha mãe, com quem moro, se tenho namorado, por quê não tenho. A pergunta sobre minha situação civil talvez tenha sido a de maior frequência durante todo o campo.

#### **4.2 Os aprendizados com Madame Sara**

Tendo já vivido algumas histórias com essas haitianas que acompanhamos, dei-me conta de que esta mulher tinha uma habilidade bastante singular em dar conta das adversidades da vida, de transitar entre mundos, de fazer amizades em diferentes espaços, de impulsionar a vida através da autonomia. Wilma, logo que nos conhecemos, deu-me o título de irmã, apresentava-me a todos como sua irmã e acabamos por desenvolver uma relação de muito afeto e cumplicidade.

Quando volto da casa de Mara, Denise pergunta onde eu estava que perdi os agradecimentos de Wilma que havia agradecido especialmente a mim. Fiquei um pouco sem jeito, não esperava esse carinho. Wilma logo vem me abraçar, me agradece então pessoalmente com um abraço muito apertado e me leva para perto de Flávia e Rosa que estão a conversar com Dandara. Ela diz que sou sua irmã, Rosa pergunta algumas coisas em Kreòl e Wilma ratifica em português “ela é filha da minha mãe”, é “minha irmã”. Há uma foto que registra exatamente esse momento e a expressão de espanto de Rosa.

Dividimos o que sobrou da comida e os sucos entre cada uma das barrigudinhas e começamos a arrumar a sala. Wilma então chega perto de mim e diz que me esperará para ir embora, Denise ouve e me diz pra ir embora mesmo, que ganhei uma mãe. Digo que não é minha mãe, mas que sou filha de sua mãe, Denise então manda que eu vá embora com minha irmã. Saio super cansada dali e louca pra chegar em casa. Despeço-me no portão da casa de Wilma e sigo para a parada de ônibus (diário de campo, 27.9.2014)

Essa categoria de “irmã” indica mais que afeto, mas também que me tornei importante para ela dentro de sua rede, alguém que lhe trazia informações, alguém que poderia mostrar alguns caminhos. Como no primeiro dia na DPU, em que fui uma espécie de tradutora entre portugueses possíveis.

Tudo foi muito demorado, os atendentes sempre dirigiam as perguntas a mim

e eu as re-elaborava para Wilma, o que foi bastante engraçado porque me dei conta que eu estava fazendo tradução do português dos estagiários para um outro português que a Wilma pudesse entender. (diário de campo, 3/9/2016)

Como tornei-me “tradutora”, mesmo não falando Kreòl, ela tornou-se minha intérprete em inúmeras situações com outros haitianos. Desde o primeiro dia em campo, da primeira oficina do GAIRE, eu sabia que a comunicação não seria fácil porque eu não falo fluentemente qualquer outra língua e eles não falavam português. O campo exigia de mim uma outra abordagem que não era-me clara. Em um primeiro momento, contratei um professor de francês, estudei alguns meses com ele, mas as haitianas aprendiam português muito mais rápido do que eu aprendia francês e também porque elas falavam Kreòl e não francês.

Eu tentava o tempo inteiro falar, o tanto quanto conseguia, lentamente, sem expressões de linguagem, eram frases quase de sujeito e verbo, algumas vezes colocando recursos da língua francesa para indicar perguntas como o “Est-ce que” antes do verbo e do sujeito a que me referia. Também acredito que era uma disposição a entender o outro, uma necessidade de comunicação que estava presente em nossos diálogos. Wilma também entendia que eu precisava de algumas respostas e esforçava-se ao máximo para dá-las, assim como re-fazia meus questionamentos em *Kreòl* para as outras haitianas quando necessário. Era, muitas vezes, como uma auxiliar de pesquisa, uma companheira de etnografia que acompanhava-me nas visitas as outras haitianas, quem sempre convida-me para almoçar, liga-me.

Ao longo desse trabalho de campo, fui à sua casa um sem número de vezes, fui apresentada a seus “primos”, amigos, vizinhos. Acompanhei-a desde os seis meses da gravidez de seu segundo filho, que hoje tem um ano e dez meses, vivenciei com ela dificuldades, alegrias, começos de seus empreendimentos, suas muitas mudanças de casa, assim como sua luta para trazer a filha do Haiti. Parto da noção de que a etnografia é uma narrativa dentre muitas possíveis, onde o sujeito pesquisado e etnógrafo compartilham histórias e escolhem-se mutuamente conforme a compatibilidade de suas estruturas de significado (Brunner, 1988). Acredito que nos encolhemos também.

Tendo lido o texto de THOMAZ (2010) e cheia de curiosidade acerca dessa personagem central para a estrutura social do Haiti, fui perguntar a Wilma o que sabia sobre Madame Sara. Para minha surpresa (parcial porque, de alguma forma, já desconfiava) ela conta-me: “eu sou Madame Sara”, “minha mãe é Madame Sara”, “minha avó era Madame Sara”. Acredito que nesse momento onde ela sente que sua



trajetória anterior é importante, é válida de alguma maneira, sua postura diante de mim muda. Há uma atmosfera de orgulho que instala-se. Desde aquele momento, passa, então, a contar-me sobre o que configura a vida de uma Madame Sara. Ensinamentos como “Madam Sara não tem *saison* (estação)”, referindo-se à capacidade de estar sempre comercializando diversas mercadorias, nas palavras dela “Se hoje eu vendo laranja e amanhã não tem laranja, eu vendo banana. Se no outro dia não há banana, eu vendo garfo. Se não há mais garfo eu vendo prato ou eu cozinho.” Cozinhar refere-se também aos *Chen jambe*<sup>33</sup>, as comidas que são vendidas nas ruas pelas Madame Sara, como a banana verde frita com a carne de cordeiro, servem também o típico café-da-manhã haitiano cujo prato principal é o espaguete.

As *Madames Sara*, no Haiti, constituem-se na habilidade de fazer os produtos e o dinheiro circularem. Demonstram que há uma sabedoria, um acúmulo quanto às maneiras de enfrentar a vida que são talvez uma espécie de jeitinho brasileiro ou simplesmente faça parte desse modo americano (das três americas) de encarar a dimensão maravilhosa da realidade e jogar com ela.

Wilma veio ao Brasil pela rota “ilegal”, saindo do Haiti, fazendo escala no Panamá, de onde seguiu para Quito (Equador) e depois Lima (Peru), partindo de barco pra cidade de Tabatinga, já no Brasil (Amazonas). Ela chegou ao Brasil em 2012 mas, diferentemente da maioria dos relatos dos primeiros migrantes haitianos que aqui chegaram e que contaram com a passagem pela casa dos padres, em sua chegada fora recebida por um de seus irmãos que, no momento, vivia em Manaus. Saiu do Haiti com seu companheiro João, pai de duas crianças que ficaram com sua ex-esposa.

Como a rede de comunicação entre os migrantes é vasta e já havia notícias circulando de que o sul era um bom destino, direcionou seus passos para o Rio Grande do Sul. A primeira cidade onde estabelece moradia é Caxias do Sul e lá encontra um trabalho de auxiliar de cozinha e seu marido emprega-se em uma fábrica metalúrgica. Lá o marido fez um curso de aplicador de cerâmica e metalurgia e conseguiram os dois fazerem o cartão do SUS. Em Porto Alegre mais de um ano depois de os meios de comunicação terem começado a noticiar a chegada de migrantes, não só haitianos, mas senegaleses e ganeses ao estado, o ambiente de discussão entre sociedade civil e poder público ainda discutiam quais as possíveis ações da prefeitura. Havia uma atmosfera que falta de ação da executivo da cidade de Porto Alegre para dar conta dos problemas

---

<sup>33</sup> Uma possível tradução seria “lugar para comer na rua”.

quanto ao entendimento de que esses migrantes também eram sujeitos de direito e, portanto, podiam acessar serviços como saúde pública, educação, etc<sup>34</sup>.

Em Caxias do Sul fora demitida quando a empregadora suspeitou que estava grávida, como a suspeita se confirmou para o casal e o marido havia também perdido o emprego, mudaram-se para Porto Alegre. Wilma passou todo o restante da gravidez sem trabalho, mas o marido passou por diferentes empregos, como frentista de posto de gasolina, restaurante e, mais perto do nascimento do bebê, conseguiu um trabalho no setor da limpeza do hospital onde Wilma faria o parto.

Quando nos conhecemos, minha interlocutora contou-me que era comerciante em Porto Príncipe e seu companheiro era professor de francês. Os dois venderam o que tinham para custear a viagem – que, como me contam, custou cerca de 5 mil dólares americanos.

Em busca melhores acomodações e aluguéis, mudou-se muitas vezes, mas sempre dentro do mesmo bairro desde que chegou em Porto Alegre. Todas as casas em que morou contavam com uma estrutura semelhante: apenas cozinha (que também era sala), um quarto e um banheiro, mas em todas que pude acompanhar, vi a forma como a casa se alargava na chegada de seus “primos”, amigos do Haiti.

Ao contrário das outras interlocutoras as quais acompanhávamos o pré-natal – e que logo depois do nascimento de seus filhos voltaram ao mercado de trabalho formal –, Wilma começou um percurso de iniciativas de rendas autônomas. Montou, juntamente com o companheiro, em sua casa, um locutório para telefonemas para o Haiti e também países da África, assim como o envio de remessas de dinheiro. A moradia tornara-se então um espaço de recepção de outros migrantes em busca da manutenção de suas redes familiares no país de origem. Ali na pequena casa, o transitar de compatriotas, senegaleses e angolanos transformou o familiar em público, com certas divisões e segregações do íntimo.

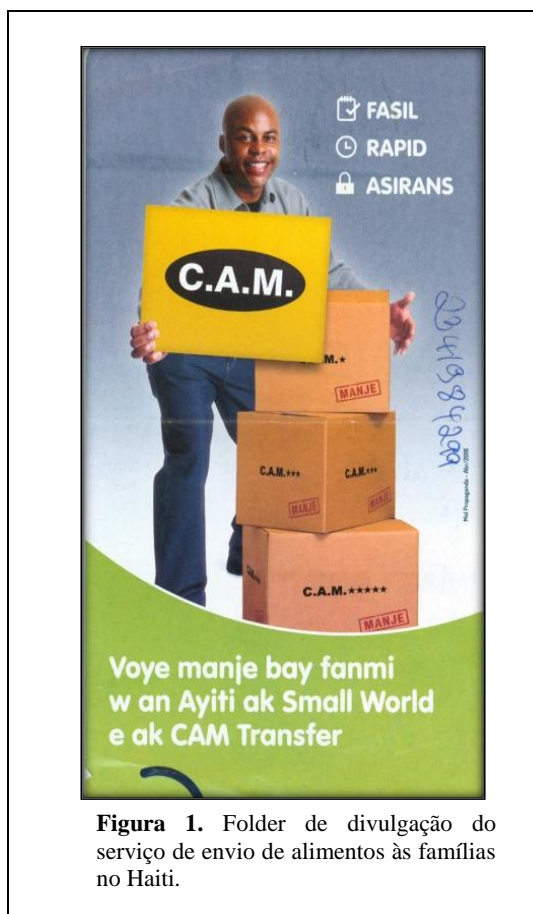
Também circulam na casa produtos haitianos, como a banana verde, o *Kremas* (licor de leite), os *Fritay* (comida tradicional haitiana das ruas no Haiti, vendidas pelas Madame Saras, é prato de alimentos fritos, geralmente neles veêm *griot* (pedaços de carne porco frito), *Tassot* (carne de gado ou carneiro frito), *Banane peze* (banana verde frita), *Saucisse* (salsichas fritas), *Acra* (mandioca frita). As frituras são acompanhadas

---

<sup>34</sup> O texto de Denise Jardim “Os caminhos do cadastro e outros obstáculos da visibilização do imigrante no Brasil” acerca dos obstáculos que os migrantes enfrentam no acesso a cidadania é bastante esclarecedor.

por uma porção de *Pikliz* (uma solução em conserva de retalhos de repolho, cenoura, cebola, rabanete e pimentões). Esses produtos e alimentos dão-nos a imagem da construção de circuito que tenta produzir familiaridades através dos gostos, das sensações de um Haiti que tenta sempre ser trazido de volta ao cotidiano. Wilma vende pasteis fritos de carne moída para quem chega para uma ligação ou remessa de dinheiro. A banana verde, comida típica no Haiti, feita frita, ou cozida como carne é trazida do CEASA<sup>35</sup> com o auxílio do carrinho de bebê de Wilma.

Há remessas de dinheiro, mas também há remessa de pacotes de alimentos: o casal tornara-se associado a uma empresa que entrega certos pacotes com produtos alimentícios direto na casa das famílias dos migrantes lá no Haiti. O migrante paga para esse casal um determinado valor, o casal aciona a empresa CAM, faz o envio do valor por depósito em conta e a empresa entrega a caixa na casa da família do imigrante no Haiti. O haitiano pode escolher se quer enviar um pacote que tenha cinco quilos de arroz, massa e feijão ou que tenha somente arroz e não tenha massa, mas tenha óleo. Segue a imagem do folder de divulgação dos serviços ofertados no pequeno negócio.



**Figura 1.** Folder de divulgação do serviço de envio de alimentos às famílias no Haiti.



**Figura 2.** Folder de divulgação do serviço de envio de dinheiro às famílias no Haiti.

<sup>35</sup> O CEASA é a Central de abastecimento localizada no bairro Anchieta, zona norte de Porto Alegre, mas de difícil acesso.

	<p><b>Nós temos 3 opções de pacotes de comida, confira.</b></p>
	<p><b>Pacote nº1 – USD 69+ taxas de serviço+IOF</b>          25 kg de arroz - 5 kg de feijão - 10 kg de milho - uma garrafa de óleo para cozinha - 4 pacotes de espagueti - 5 kg de açúcar – 1 caixa com frango.</p>
	<p><b>Pacote nº 3 – USD 115 + taxas de serviço +IOF</b>          55 kg de arroz – 10 kg de feijão - 1 garrafa de óleo para cozinha – 4 latas de leite em pó – 4 pacotes de espagueti, 10 kg de açúcar, 2 caixas com frango – 2 caixas com mararrão com queijo – 3 latas de salmão – 6 latas de sardinha – 3 latas de massa de tomate – 1 garrafa de ketchup.</p>
	<p><b>Pacote nº 5 – USD 163+ taxas de serviço +IOF</b>          2 vezes 55 kg de arroz - 10 kg de feijão- 2 garrafas de óleo de cozinha – 12 latas de leite em pó – 12 pacotes de espagueti- 10 kg de açúcar – 3 caixas de frango – 2 pacotes de macarrão- 2 caixas de macarrão com queijo- 2 latas de salmão- 6 latas de sardinha- 4 latas de um leite achocolatado- 6 latas de massa de tomate- 1 garrafa de ketchup- 1 pacote com 48 cubos de caldo de galinha.</p>

**Figura 3:** Verso do folder dos serviços de envio de pacotes de comida.

O casal também alugou uma sala em uma galeria no centro da cidade, como uma filial do “escritório” (para ligações, remessas de dinheiro e alimentos) do Sarandi. Esse novo escritório durou pouco mais de um par de meses, em grande parte, como contaram-me, porque os haitianos estavam indo embora e que já não havia público para dar conta de pagar o aluguel. Como o escritório do Sarandi é na própria sala da casa, os gastos com o aluguel da moradia servem para dar conta também do local de geração de renda.

A central telefônica foi agregando outros serviços, como recarga de celular, fotocópias, envio de documentos por scanner. É o lugar também onde todos se encontram ou ficam sabendo de notícias do Haiti, de seus parentes, de quem está vindo, voltando ou indo pra outro lugar.

### **4.3 PATI PAS DI OU RIVÉ POU ÇA- Só porque você partiu, não quer dizer que tenha chegado<sup>36</sup>**

Evidenciei os caminhos trilhados que me conduziram a conhecer o modo como Wilma me mostrava a complexidade do ir e vir que percorre sua vida e os malabarismos que implicam a imigração como algo que converge para as atividades da Madame Sara no contexto haitiano e que para cá se expandem. Essa personagem, ao re-inventar, atualizar o ofício de Madame Sara, ao construir o que poderia ser entendido como seu “empreendimento”, seu “pequeno negócio”, dá conta de atualizar um saber-fazer ligado a uma profunda conexão com os “seus”, são mercadorias do modo econômico e impessoal, mas são a expressão de afetividade, de construção de uma comunidade, de sentir-se pertencente a um grupo que partilha de símbolos e objetos singulares também.

Nesse capítulo, ao aproximar meu olhar do cotidiano, dos planos, dos malabarismos constantes, da inesgotável criatividade de lidar com as oportunidades que surgem, de tentar apresentar um pouco da diversidade que é a experiência migratória, conheci aquilo expresso por Certeau (1996) como demarcar as “micro resistências que fundam micro liberdades” que aponta como princípio ético do pesquisador.

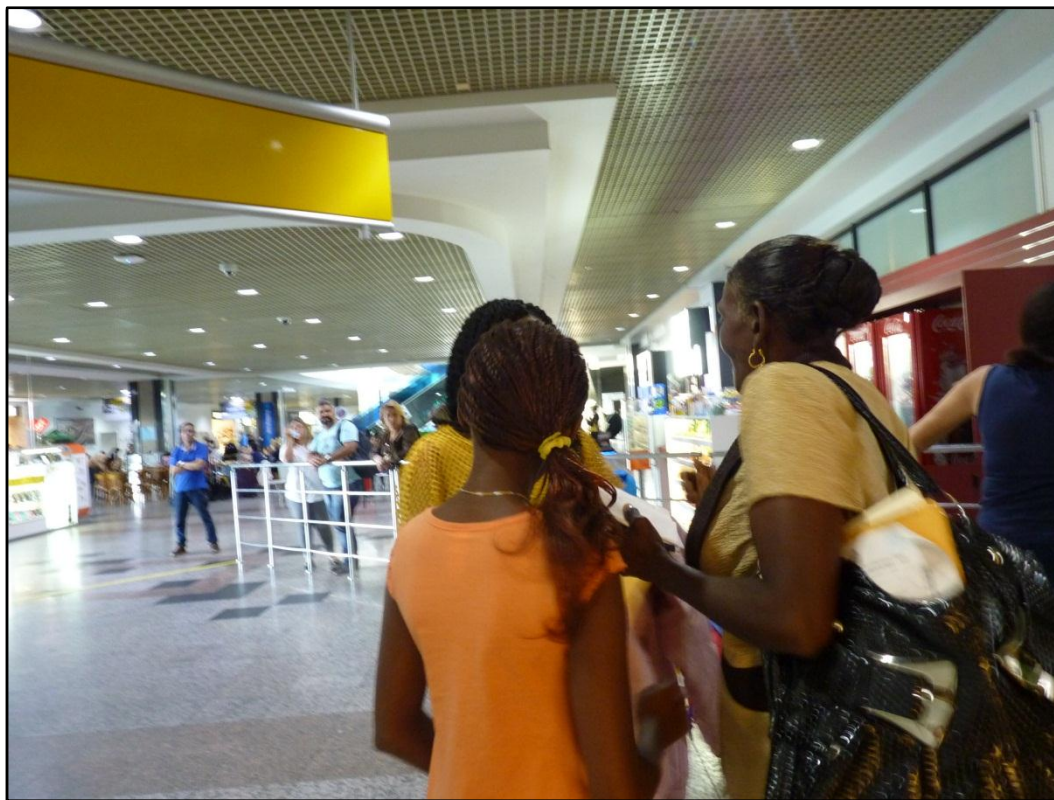
No período desse trabalho de campo fui interpelada, por agentes de saúde, ativistas da ajuda humanitária, amigos, colegas, moradores do bairro, que indagavam sobre meu campo, ora re-afirmando os mais diversos estereótipos acerca do desconhecido e esse trabalho é um esforço de ampliar a vida, da experiência migratória com outras histórias, outros personagens, Aqui busquei dar forma ao invisível, onde o incontável de vidas singulares fizeram-se materialidade, fizeram-se texto. A intenção na escrita desse capítulo, da apresentação dessa Madame Sara, era a de inscrever no cenário da migração as micropolíticas das relações, as práticas moleculares de resistência que conformam a vida do migrante; mas não só a dele, o migrante, mas a vida de todos nós, que somos impelidos a qualquer normatividade. Madame Sara informa-nos acerca de um modo de fazer comércio que não é somente uma atividade econômica, mas uma forma de ser comunidade, se estar junto com o que torna a vida mais saborosa, um saber-fazer que configura sua experiência migratória de forma distinta e nos indica que a vida migratória é permeada de outros fluxos que presentificam formas já conhecidas de tecer relações e realizar agenciamentos. A inventividade não é uma exigência da imigração, mas parte de suas vidas como

---

<sup>36</sup> Ditado popular no Haiti cujo significado é “Só porque você partiu não quer dizer que tenha chegado”, tirado do livro País sem chapéu de Dany Laferrière.

imigrantes e haitianos.

Madame Sara ao colocar-se de novo dentro do circuito dos desejos de seus conterrâneos, ligada sempre a movimentação, a mobilidade tão própria dos haitianos, vai transformando-se, construindo outras rotas, construindo outros agenciamentos e agora com “reforços”.



**Foto 3 :** A chegada, no aeroporto, da mãe e da filha de Wilma. Crédito meu, novembro de 2016.

Termino esse capítulo com uma foto que cristaliza um momento de certa vitória, de emoção da migração que é quando todas as lutas diárias, as poupanças, os trabalhos, os empréstimos, as infinitas ligações tem parte de suas recompensas. A foto fora tirada no final do mês de novembro de 2016, depois de quase quatro anos de migração dessa Madame Sara, da Vilma, quando ela finalmente consegue trazer sua filha e sua mãe para junto de si. Três gerações, um sonho construído em uma experiência transnacional de estar em lugares diferentes em um mesmo momento encontram-se. Agora novos desafios para essas *Madames Saras*, afinal de contas, imigrar quando se tem mais de 60 anos, ou quando se é ainda adolescente como é o caso da mãe de Vilma e sua filha tem suas implicações. Começar um novo período escolar, arrumar os papéis necessários, fazer adaptação de currículos, o aprendizado da língua ou mesmo encontrar espaço dentro ou fora do mercado de trabalho em uma sociedade que não vê com bons olhos a experiência de uma vida inteira vivida são parte dessa nova vida.

**Capítulo 5: Conclusões: *PATI BOURRIQUE, TOUNNIN MULÈTE* - Partir burro, voltar jumento. Partir burro, voltar ainda mais estúpido.<sup>37</sup>**

Vamos começar  
Colocando um ponto final  
Pelo menos já é um sinal  
De que tudo na vida tem fim  
(...)  
É tudo novo de novo  
Vamos nos jogar onde já caímos  
Tudo novo de novo  
Vamos mergulhar do alto onde subimos  
**Tudo de novo de novo**, de Paulinho Moska (2004)

Esse pequeno trabalho feito e re-feito tantas e inúmeras vezes para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais é, em grande medida, também o registro da minha iniciação ao fazer antropológico, ao meu engatinhar na arte da etnografia. Sendo assim, não poderia além, é claro, de retomar o fio condutor dessa narrativa, literalizar um pouco do que constituiu essa jornada.

O primeiro capítulo contém três tópicos, o primeiro reflete sobre a metodologia empregada, a observação-participante, o lugar no campo da pesquisadora e algumas questões acerca da interlocução especificamente com as haitianas. O segundo prioriza o início da minha incursão em campo e alguns caminhos percorridos. O terceiro e último tópico aborda o tema das mulheres nos estudos migratórios e os autores que fazem parte da comunidade discursiva que aproximo-me.

No segundo capítulo, busquei dar, o tanto quanto pude, devido ao espaço e minhas escolhas prioritárias, ao leitor o cenário da migração haitiana, um pouco da história daquela ilha singular na história da América. Delinei os contornos de recepção e características desse contingente de humanos complexos que não são nem de longe somente corpos trabalhadores, mas seres sentipensantes<sup>38</sup>, que orgulham-se imenso de sua história nacional e que nunca arrancam suas raízes daquele chão. Há uma disposição ética na forma com que apropriam-se de outros lugares, de outros continentes ao mesmo tempo que esforçam-se incessantemente para manter o pertencimento aquele “espaço-mundo” que nunca deixarão de habitar e nem de longe de pertencer. Contém três

---

<sup>37</sup> Ditado haitiano tirado do livro *Pay Sans Chapeau*.

<sup>38</sup> Senti pensante é um conceito trazido por Eduardo Galeano para dar conta de um outro modo de sentir e pensar, onde não há separação entre a emoção e a razão, onde somos um indivíduo pleno e inteiro. Galeano conta-nos que a palavra é uma criação dos pescadores da costa da Colômbia para dar conta da expressividade que conta a verdade sobre a vida. O conto que traz maravilhosa contribuição da literatura à antropologia está no Livro dos abraços, na página 64, no conto Celebração de bodas da razão com o coração.

tópicos, o primeiro traz um pouco da história colonial do Haiti e sua guerra de independência e a ligação com a religião do *Vodou*<sup>39</sup>. O segundo tópico prioriza a história das migrações haitianas, seus períodos e principais motivos. O terceiro tópico discorre acerca da chegada e recepção de haitianos na cidade de Porto Alegre, com um panorama acerca das movimentações da prefeitura municipal, da sociedade civil organizada em torno do tema das migrações. O quarto tópico é dedicado a resgatar a forma com que são recepcionados, em um primeiro momento, os haitianos e haitianas nos equipamentos públicos de acesso a cidadania no bairro Sarandi.

No terceiro capítulo, tentei abrir as portas de suas casas, suas intimidades um tanto públicas, seus colchões empilhados a espera daqueles que um dia chegarão. Assim como tentei trazer para o texto o caminhar lado a lado de seus passos sobre aquelas ruelas, aqueles pátios que não acabavam mais de conter casas, a bica, o supermercado, o mercadinho e a caderneta, os sonhos, os planos, os primos, os filhos, os trabalhos e todo o mais que não coube lá, mas que há em mim latente. No primeiro tópico, a rede de apoio constituída pelos próprios moradores e por grupos organizados em torno das migrações que passam a atuar no bairro estão em destaque. No segundo tópico, resgato situações recorrentes no acompanhamento do pré-natal das migrantes haitianas, como os sumiços dos postos de saúde. No terceiro tópico, o bairro Sarandi é descrito em relação as transformações pela presença dos migrantes. No quarto tópico, descrevo a descoberta de dinâmicas próprias dos haitianos(as) em acolher novos migrantes que chamamos de “seus” uma vez que o parentesco é bastante difuso à primeira vista não excludente.

No quarto capítulo, chorei, me desesperei, tive vontade de desistir, mas segui em frente à folha branca do *word* e de meus medos de não conseguir ser justa com a vida dessa personagem que tornara-se mais que uma interlocutora, uma amiga. Compromisso e tarefa complicada essa de falar sobre a vida que é sempre movimento, sempre água que não passa de novo por de baixo da mesma ponte. Bom, a personagem, a Madame Sara, veio ao texto como uma resistência, como uma atualização de um ofício, um modo de ser povo, de construir comunidade, de re-alinhar suas órbitas em torno dos que aqui estão e dos que lá ficaram. Madame Sara mostra-nos a amplitude da vida migrante, dos desafios da migração feminina, da esperança incessante de estar com os seus. Das formas distintas de fazer comércio, onde produtos tornam a ser veículos de significados e afetos. Dividido, por tanto, em três tópicos, onde no primeiro, evidencio a forma como

---

<sup>39</sup> Todas as palavras em Kreòl serem escritas em itálico, seguidas de sua tradução.



fui descobrindo a Madame Sara. No segundo tópico, discorro acerca dos aprendizados com ela e a forma como fomos construindo um ambiente de diálogo, seus percursos até Porto Alegre, a forma como construí redes que expandem-se, movimenta-se e organiza seu mundo em relação aos seus. No terceiro tópico, segue algumas reflexões acerca do entendimento de quais elementos estão sendo mobilizados por essa personagem na busca por construir uma comunidade de apoio e partilha de vivências que remetam a um sentimento de familiaridade no contexto da migração.

No quinto capítulo, as tecituras do trabalho antropológico, os gostos, os cheiros e, claro, o mais profundo até a pele são trazidos. É onde algumas considerações acerca do que é estar em campo, do que se trata conhecer, das questões epistemológicas que perpassaram-me tomam lugar enquanto registro do momento onde o corpo é parte extremamente importante do saber, da pesquisa. No mais, acreditando que essa parte do trabalho possa conter uma reflexão acerca do que foi fazer etnografia com migrantes afrocaribenhas em Porto Alegre, passo a considerar um tanto dos aprendizados que tive nessa aventura.

Por mais que as etnografias que lemos durante os 4 anos de curso, informe-nos acerca do que é fazer trabalho de campo, do fazer etnografia, nada é como ter que tomar decisões no mesmo momento em que as situações são postas tentando imaginar os resultados ou mesmo deixar-te sentir e chorar no mesmo tanto. A quem leia não se assuste, o objetivo aqui não é um desatino narcista, mas a escolha por uma antropologia mais reflexiva onde a etnógrafa, no distanciamento da análise, não desapareça, também não se preocupem que isso não passará de um par de páginas.

Um pressuposto central indica que nenhuma aproximação com a realidade social é objetiva por si mesma (e por isso os dados obtidos não “falam por si”), porém ela deve ser fruto de um processo de objetivação, que constitui a própria metodologia. Logo, as técnicas a serem empregadas devem estar de acordo com um determinado conjunto de preocupações teóricas, que fornecem um determinado enquadramento. Na pesquisa qualitativa só há sujeitos, ou seja, o pesquisador é sempre parte da análise, o que coloca questões sobre a relação estabelecida entre pesquisador e informantes no trabalho de campo e sobre a maneira como a subjetividade do pesquisador interfere na pesquisa, reaparecendo na construção do próprio texto.(TEDESCO, 2013, p. 44 )

Logo, se só há sujeitos e a subjetividade é parte produtora de conhecimento, não há deixar de lado também os conflitos gerados, as indecisões, os medos e sonhos que

perpassam esse trabalho. Assim, como deixar também um série de movimentos, de circulações que estavam em campo junto de minhas indagações acerca de ofícios, dificuldades, estratégias, táticas.

O que é fazer etnografia quando os teus interlocutores são indivíduos que têm outras necessidades, às vezes mais reais, mais materiais que as tuas? Como é acompanhar pessoas cujos corpos são lidos como corpos negros e pobres? Como não sentir o outro, como não ajudar, como acreditar que na impessoalidade da etnografia? Ou como separar a etnografia e momentos de “assistencialismo”?

Nesse trabalho de campo, não havia como ser neutra, como não sentir junto, como não me implicar em suas demandas, como não deixar de sonhar junto. Acredito que fazer antropologia, fazer trabalho de campo, lidar com o outro, é necessariamente fazer alianças<sup>40</sup>. É perceber que a vida, que as relações são partilhas, são trocas e que se tua interlocutora está passando por uma barra pesada tu tens que mexer-se, que em vários momentos teus papéis (monografias, dissertações e teses) só tem valor pra ti e pro teu capital social. Na vida real, lá no extremo da cidade, lá onde os agentes do Estado tem poder de decisão acerca de quais vidas constituem-se em prioridades, tu, muitas vezes, terás que dar “carteiraços”, terás que enfrentar teus receios e lutar pelos teus também.

Como chama-nos a atenção um texto sobre que constituí os textos e mesmo o que constituem a nós enquanto seres;

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artista – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê (DELEUZE, 1992, p. 156, grifo meu).

E essa monografia foi constituída e muitas vezes perdeu-se na forma como descrever esse percurso por conta de um sem números de seres que constituem essa autora e ainda mais que constituem o universo em destaque – a migração haitiana e algumas de suas faces. Era vontade de falar de tudo, um pouco de cada, desenhar essa gente, conseguir colocar cada planta que identifiquei nesses caminhos, cada sorriso, cada manhã bem cedo onde o dia prometia só aventuras, cada abraço, cada palavra em

---

<sup>40</sup> Para os antropólogos que pesquisam certos campos de poder não se assustem, é uma jovem antropóloga a sonhar.

*Kreól*, cada banana frita, enfim, os aprendizados que são próprios a disciplina da Antropologia e aqueles que são pessoais, que formam o sujeito pesquisador.

### **5.1 Concluindo: Conhecer tarefa sempre inacabada**

O saber, a minha busca pelo conhecimento seja antropológico ou qualquer outro que seja, é um pouco e talvez tenha sido sempre orientado pelo livro de literatura do alemão Hermann Hesse, *Sidarta*. A obra, inspirada na tradição oral sobre a história de Buda, acompanha a vida de Sidarta desde muito pequeno até sua velhice, era um jovem promissor, destinado a ser um sacerdote que larga tudo para viver com os samanas (monges que abdicam de qualquer posse). Sidarta passa a vida a procurar conhecimento, mas acaba por desistir de seguir qualquer mestre e viver uma vida comum. Já velho, Sidarta, encontra com um grande amigo que passou a vida a seguir Buda e a praticar seus ensinamentos e tem uma conversa que para mim é também um ensinamento epistemológico, uma forma de entender o que é conhecer.

- Quando alguém procura muito - explicou Sidarta - pode facilmente acontecer que seus olhos se concentrem exclusivamente no objeto procurado e que ele fique incapaz de achar o que quer que seja, tornando-se inacessível a tudo e a qualquer coisa porque sempre só pensa naquele objeto, e porque tem uma meta, que o obceca inteiramente. Procurar significa: ter uma meta. Mas achar significa: estar livre, abrir-se a tudo, não ter meta alguma. Pode ser que tu, o venerável, sejas realmente um buscador, já que, no afã de te aproximares da tua meta, não enxergas certas coisas que se encontram bem perto dos teus olhos. (HESSE, 1970, p. 178)

Estar livre para achar é até um contra-senso nessa máquina de produzir escritas e celebrar títulos que é universidade, não é simples ter tempo para sentir com o outro, para tecer laços. Sinto-me privilegiada por ter tido tempo (talvez nunca suficiente) para não ter meta, não tem objetivo, poder “pensar mundo” e não só “pensar circunscrito”. E lembrar que como BENJAMIN (2008) pontua a escrita submersa pela memória é sempre algo aberto, de possibilidades infinitas,

A lei do esquecimento se exercia também no interior da obra. Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. Ou seja, a unidade do texto está apenas no *actus purus* da própria recordação, e não na pessoa do autor, e muito menos na ação. (Benjamin, 2008, p. 37)

Para concluir aqui este trabalho resgato a sugestão do provérbio título desse capítulo que vale tanto para os migrantes quanto para a experiência dessa etnógrafa, que no limite se não houvesse entrega voltaria ainda mais estúpida.

## REFERÊNCIAS

AHPAMV – Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (Org.). Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Brasília. Disponível em: <[www.acnur.org](http://www.acnur.org)> acesso em 11/04/2014.

[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1)

BERSANI, A. E.O (EXTRA)ORDINÁRIO DA AJUDA Histórias não contadas sobre desastre e generosidade na Grand’Anse, Haiti.Campinas, SP, 2015. 234f.

BENJAMIN, W. (2008). Teses sobre o conceito de história. In Magia e técnica, arte e política (S. P., Rouanet, Trad., Obras Escolhidas, Vol. 1, pp. 222-234). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1985)

CORTÁZAR, Júlio. História de cronópios e de famas. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Dados Censo/IBGE em 2010:

DELEUZE, G. Conversações. Trad. Piter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

DUTRA, Délia. Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília / Delia Dutra. - Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. Porto Alegre, 2007.

HANDERSON, Joseph. Vodou no Haiti – Candomblé no Brasil : identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano / Joseph Handerson; Orientador : Beatriz Ana Loner. – Pelotas, 2010. 183f.

HANDERSON, J . Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa/Joseph Handerson. – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015

HESSE, H. Siddharta. Rio de Janeiro. Editora Opera Mundi, 1970.

JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros*. Toussaint L’Ouverture e Revolução de São Domingos. Tradução de Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2000.

JARDIM, D. F. Os caminhos do cadastro e outros obstáculos da visibilização do imigrante no Brasil.

JARDIM, D. J. Os obstáculos para o exercício da cidadania: quando os imigrantes descobrem o Brasil, 2014.

LAFERRIÈRE, Dany. País sem chapéu. Tradução de Heloisa Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011

LÓPES, Laura Cecília. A mobilização política das mulheres negras no Uruguai. Considerações sobre interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade. In: *Revisita Latino americana*, núm. 14, agosto, 2013, pp. 40-65.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Sul: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

TEDESCO, Letícia. No trecho dos garimpos: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica. Porto Alegre: UFRGS, 2013

MORETTI, Isabella. “Regras da ABNT para TCC: conheça as principais normas”. 2014. Disponível em: <<http://viacarreira.com/regras-da-abnt-para-tcc-conheca-principais-normas>>. Acesso em: 04/01/2016.

*RÉGIO, José in Poemas de deus e o diabo, 4ª ed., Lisboa, Portugal, 1955, p. 108-110*

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SAYAD, A. A imigração ou os paradoxos da Alteridade. Edusp: São Paulo, 1998

SAYAD, Abdelmalek. Uma pobreza 'exótica': a imigração argelina na Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.17, out., pp.84-107, 1991

STAM, T. From gardens to markets. A madam Sara perspective [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002010000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100002)

STRATHER, Marilyn. Uma relação incômoda: O caso do feminismo e da antropologia. In: *Revista Mediações*. Londrina, V. 14, n.2, p.83-104, jul/dez.2009

THOMAZ, Diana Zacca. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. *Primeiros Estudos, Revista de Graduação em Ciências Sociais*, São Paulo, n.5, Ano 3, outubro de 2005.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. In. *Revista Novos estudos*, nº 86, março de 2010.

PIMENTEL, M. CONTINGUIDA, G. Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho. In.: *Revista Temas de Antropología y Migración*, Nº 7, Diciembre 2014, Págs.: 31–55, ISSN: 1853-354X